

ADEMIR PASCALE

# Jornal em São Camilo da Maré

TRÊS JOVENS INTERLIGADOS  
VIVENCIAM AS FERIDAS QUE  
A NOSSA SOCIEDADE  
PERPETUA: VIOLÊNCIA,  
INJUSTIÇA E BULLYING, NUMA  
COMUNIDADE CARENTE DO  
LITORAL DE  
SÃO PAULO

MAFRA  
EDITIONS  
NAO NOS QUER REPARAR

**JORNAL EM**  
**SÃO CAMILO DA MARÉ**

ADEMIR PASCALE

Copyright © 2022 by Ademir Pascale

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, nem a sua utilização, nem a sua transmissão em qualquer forma ou meio, sem autorização prévia do proprietário dos direitos autorais.

A infração das condições pode constituir um crime contra a propriedade intelectual.

ISBN: 978-65-00-45036-1

MAFRA  
EDITIONS  
  
IMAGINAR. VAJAR. REALIZAR

[mafraeditions.com](http://mafraeditions.com)

— revista —  
conexão  
LITERATURA

[revistaconexaoliteratura.com.br](http://revistaconexaoliteratura.com.br)

# Índice

SINOPSE DE "JORNAL EM SÃO CAMILO DA MARÉ":	4
BIOGRAFIA DO AUTOR	5
Prefácio	6
Espelho	10
Santo sobre a geladeira	22
Centro Comercial	33
Gráfica Rebouças	38
Preparativos	43
Jornal São Camilo da Maré	51
Repercussão	55
Dia seguinte	58
Feitos e Efeitos	67
Asfalto	77
Todos estão estranhos	81
Surpresa	90
O dia do Alemão	95
Adeus	100
Recomeço	105

# **SINOPSE DE "JORNAL EM SÃO CAMILO DA MARÉ":**

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo. Camilo, com uma ideia brilhante, resolve provar que a mídia impressa, através de um jornal feito às escondidas, pode ser a voz do povo e a resolução dos seus problemas; mas o perigo avança numa velocidade que ele jamais poderia imaginar, até a chegada de um ex-repórter de guerra cruzar o seu caminho.

## BIOGRAFIA DO AUTOR



*Ademir Pascale*

**Ademir Pascale.** Paulista, escritor e ativista cultural. Editor da Revista Conexão Literatura (<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista/colaborador da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com>). Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Participou em mais de 50 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras do grande José Costa Leite. Criador e organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe" e autor convidado do livro "Aquela Casa" (Editora Verlidelas). Entre a organização de suas antologias estão os títulos "O Legado De Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo", "Van Helsing - Caçadores de Monstros" e outros. Escreveu recentemente a introdução do livro "Bloody Mary - Lendas Inglesas" (Editora Dark Books).

Redes sociais:

Facebook: <https://www.facebook.com/ademirpascale2/>

# Prefácio

O livro que ora o leitor tem em mãos é um poderoso antídoto às feridas que a nossa sociedade perpetua, pois o ser humano, da qual faz parte, é um ser, muitas vezes, abjeto, cuja índole e, por consequência, seus atos o levam a um patamar dificilmente superado pelos animais mais ferozes.

Não concorda? Por que, então, o ser humano discrimina o outro ser humano? Jamais deveria humilhá-lo por causa de o outro ser pobre, afrodescendente, andar malvestido, ser estudioso, não usar drogas, respeitar as pessoas, os professores, não tolerar injustiças.

Pois é o que ocorre com o protagonista da história, o “nosso” Camilo. E será logo “seu”, pois, à medida que a leitura for se sucedendo, o leitor torcerá para que o seu rival, o Alemão, cara supermalvado, entre pelo cano, pague por todas as brigas levadas a cabo.

Camilo, garoto brilhante, após ser constantemente humilhado, resolve ir à luta. Mas a sua arma não é a violência, num contexto de mais violência, e sim a inteligência: resolve denunciar as injustiças, não só pessoais, mas de sua comunidade, publicando um jornal.

A força do jornal, naquela comunidade pobre em todos os sentidos, é avassaladora. E... E o leitor precisa ler, vai se obrigar a ler até o final.

Pascale tem uma narrativa fluida, não escreve para encher linguiça, utiliza diálogos rápidos e cortantes, com sabedoria, vai direto ao ponto, dá a sua mensagem.

E a mensagem que o livro traz é a de esperança.

Ainda existem pessoas boas no mundo.

Ainda prevalece o Bem, apesar do cenário de violência, injustiça, desordem, desumanidade, caos.

Mas antes que o Bem prospere, ele deve vir de dentro das pessoas.

Sérgio Simka

Mestre e doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP, é professor universitário desde 1999. Autor de mais de cinco dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série Mistério, publicada pela Editora Uirapuru.

Organizador dos livros “Uma noite no castelo” (Editora Selo Jovem, 2019) e “Contos para um mundo melhor” (Editora Xequê-Matte, 2019). Autor, dentre outros, do livro “Prática de escrita: atividades para pensar e escrever” (Wak Editora, 2019). Membro do Conselho Editorial da Editora Pumpkin, integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC e colunista da Revista Conexão Literatura.



***Não é só a morte que iguala a gente. O crime, a doença e a loucura também acabam com as diferenças que a gente inventa.***

***Lima Barreto***

# Espelho

— Caiu de novo no colégio, filho?

Um breve intervalo enquanto Tereza cruza os braços e verifica o olho roxo do filho.

— Caí... — o garoto olha para o chão e faz o possível para não encarar a mãe.

— Essa é a segunda vez essa semana e ainda estamos na terça-feira. Você deve estar com anemia, não é normal um jovem de quatorze anos cair tanto assim... Deixa eu pegar um pano úmido para colocar nesse olho.

— Pois é, mãe, deve ser isso mesmo. Anemia.

Camilo vai para o quarto com o pano úmido sobre o olho. Fecha a porta e joga o pano no chão com violência. Visualiza o rosto no espelho. Os olhos lacrimejam. O punho fechado. Desaba sobre a cama.

Quando nasceu, passou dias internado na UTI com insuficiência respiratória. O médico disse que não sobreviveria. Tereza, mãe solteira, tirou o pequenino do hospital, pois se fosse morrer, morreria em casa e em seus braços. Rezava e acendia velas todos os dias para São Camilo da Maré e prometera ao santo que, se o seu filho sobrevivesse, ganharia o seu nome.

E a vida é assim, e milagres às vezes acontecem. O primeiro aniversário de Camilo foi uma grande festa. Tereza economizou por meses o dinheiro que recebia como funcionária de uma empresa de sacolas para lojas de grife, mas não economizou nos salgados e docinhos. Tinha até palhaço, algodão-doce e pula-pula para a garotada da comunidade.

Aquele dia ficou marcado na lembrança de muitas crianças que mal tinham o arroz e o feijão nas refeições diárias.

Afrodescendente, magro e abaixo da estatura dos jovens da sua idade, mas saudável. Camilo, garoto estudioso, sempre foi curioso e suas indagações o tornaram no melhor aluno da escola, gerando inveja num grupo de garotos que não vão tão bem assim.

E esse é um dos seus principais problemas. Jovem que não gosta de injustiças, nem com ele e nem com o próximo. Não entende como alguém pode hostilizar outra pessoa devido à cor da pele ou simplesmente por ser estudioso

e por seguir pelos bons caminhos: não faltar às aulas, respeitar os professores e não usar drogas.

Tereza faz o possível e o impossível para manter o pão de cada dia e as contas pagas. É mãe e pai ao mesmo tempo. Ela sabe que o caminho de um jovem numa família de classe baixa, mal estruturada e numa comunidade sem muitas oportunidades, pode levar às drogas e latrocínios. Muitas vezes um caminho sem volta.

Ela agradece a São Camilo da Maré por ter um filho honesto e que sempre esteve longe de confusões.

Mas o que ela não sabe é que isso não duraria por muito tempo...

### **Manhã. Dia seguinte:**

— O olho melhorou? — pergunta Sandra, amiga de Camilo.

— Não, não melhora tão rápido assim... Mas esse não é o pior problema.

— O que você vai fazer?

— Nada, como sempre... — Camilo já vem traçando alguns planos, mas ainda não quer expô-los.

— Você sabe que, se não fizer nada, eles irão continuar, não é? Você falou com a sua mãe sobre isso?

— É lógico que não. Você sabe como a minha mãe é superprotetora. Ela não pode nem sonhar o que eu passo na mão desses vermes...

— Então vai ficar por isso mesmo?

— Por enquanto sim.

Os jovens caminham em direção ao colégio; Camilo, de óculos escuros. Sandra inconformada com a situação.

— Parado aí, garoto — diz Maria, inspetora escolar do colégio Emília Brandão.

— Você sabe que não pode entrar aqui de óculos escuros, não é?

— Mas...

— Nada de mas, ou tira, ou não entra — Maria é uma mulher robusta, de cabelos curtos e cara fechada. Bota medo em qualquer aluno.

— Tá — mesmo sem vontade, Camilo tira os óculos e guarda no bolso.

— Menino de Deus, o que foi isso no seu olho?

— Caí... —

— Caiu? E como você conseguiu cair e machucar apenas o olho?

— Caí sobre uma pedra... Pronto, agora deixa eu ir, que a aula já deve estar começando...

Maria, desconfiada, apenas observa o garoto, até sumir pelo corredor. Sandra vai para a sua sala. Cabisbaixo e com as mãos nos bolsos, o jovem entra em sua sala. Todos os alunos ficam em silêncio; mas logo em seguida explodem em gargalhadas.

Camilo caminha até sua mesa e até lá faz o possível para ter um bom reflexo e tenta se desviar dos cadernos, estojos, lápis e outros objetos que são arremessados contra ele. Mas não consegue desviar do pé no meio do caminho. Cai de joelhos. A sala entra em alvoroço e chega ao êxtase. Até que um chute nas costas o faz cair completamente.

— O que está acontecendo aqui? — todos ficam em silêncio ao ouvir e ver Maria na porta da sala de braços cruzados e olhos arregalados. — Camilo, quem fez isso com você?

Camilo levanta vagarosamente e se ergue. Passa as mãos na roupa para tirar o pó e olha calmamente para a inspetora.

— A sociedade.

— O quê? Eu quero saber quem fez isso com você, garoto. Diga.

— Pois eu já disse: a sociedade.

Todos olham para Camilo, inclusive a professora de Matemática que acaba de chegar à sala.

— Se a nossa sociedade aprendesse desde cedo em casa a respeitar o próximo, a minha situação e a de muitos outros, seja nessa ou em outras escolas, seria bem diferente. Ser magro ou obeso. Ser negro, gay, ter algum problema físico ou ser de uma religião diferente dos demais. Outro fator importante seria também se a direção da escola fosse mais preocupada em instruir os professores e seus funcionários sobre como evitar a exclusão que alguns alunos sofrem nessa escola, aí talvez a coisa fosse diferente. Mas, pelo visto, a diretora não está nem aí pra isso, não é?

Maria apenas olha para Camilo e, logo em seguida, encara um grupo de garotos no fundo da sala.

— Se eu ouvir mais um piu aqui dentro ou qualquer ato que desrespeite um colega de sala, vão se ver comigo. Entenderam?

A sala continua em silêncio.

— ENTENDERAM? — Maria fala num tom mais ríspido.

— Simmm! — os alunos pronunciam em uníssono.

Mas Camilo sabe que, quando a inspetora ou a professora não estiverem próximas, as coisas serão iguais ou até piores que antes.

Em sua mesa, cochichos chegam a seus ouvidos: “Vai se ver com a gente depois, neguinho”, “Espera quando chegar lá fora pra você ver, magrelo”, “Cê tá ferrado, mermão” ...

— Estou ouvindo um zunido aí no fundo da sala. Quero concentração na aula e lembrem-se do que a inspetora acabou de dizer. Se eu ouvir ou vir algo aqui dentro que desrespeite o nosso colega ou qualquer outro, eu serei a primeira a chamá-la.

Todos ficam em silêncio, incluindo o grupo do Alemão, o pior da escola. Camilo sabe que não pode bobear durante o intervalo e na saída terá que caminhar rapidamente, evitar ir ao banheiro ou ficar conversando nos corredores.

A professora pediu concentração, mas é difícil ficar concentrado quando se tem alguém olhando fixamente para você. E é essa sensação que Camilo sente. O pior apenas lhe aguarda e mentir mais uma vez para a sua mãe não vai dar certo. Ela acabará descobrindo toda a verdade, isso é fato.

Camilo é inteligente. Ele fecha os olhos para concentrar-se; mas desta vez não é na aula, mas sim num plano para tirá-lo desse pesadelo que o assola desde o início do ano.

Nada.

Tenta refletir mais uma vez sobre a sua situação e buscar uma saída: mudar-se de escola seria uma opção, mas o que diria para a sua mãe? Fora isso, o colégio mais próximo fica em outra cidade. Essa não seria uma boa solução.

Poderia entrar numa academia de musculação, mas ganhar músculos leva tempo; fora isso, vitaminas e suplementos custam muito dinheiro, além da mensalidade. O dinheiro que a sua mãe ganha mal dá para pagar as despesas de casa. Tirar a própria vida... Essa seria a pior das opções, pois não se deve fugir de um problema fazendo algo assim.

Pensa. Pensa...

— Algum problema, Camilo? — pergunta a professora parada ao seu lado.

— Ah, não, não. Estou apenas refletindo sobre a aula.

— Sei... Bom, retomando a aula...

A professora retoma com as explicações, mas os pensamentos de Camilo estão longe dali. Dizem que duas cabeças pensam melhor do que uma. Sandra é sua amiga de infância. Fiel companheira. Talvez pensando juntos pudessem encontrar uma solução plausível para esse problema.

Os minutos passam e Camilo apenas observa a professora falando, mas não entende uma só palavra. O olhar sombrio do Alemão sobre ele. É triste saber que algumas pessoas tiram a paz de outras por mero prazer ou diversão.

A sirene do intervalo desperta Camilo. Mas ele permanecerá na sala.

— Pessoal, a diretora não quer mais ninguém na sala durante o intervalo. Todos saindo, vamos... — a professora acabou com o plano de Camilo. Agora terá que enfrentar os próximos vinte minutos de intervalo.

Os alunos saem da sala. Camilo é o último e logo avista o grupo do Alemão no final do corredor; então retorna e vai sentido contrário. Olha disfarçadamente para trás e eles o estão seguindo. Apressa o passo e entra na primeira porta aberta: o banheiro masculino. Corre e se tranca num dos banheiros. O odor lá dentro está insuportável. Aciona a válvula da descarga, mas está quebrada. Fecha a tampa da privada e sobe sobre ela.

Suas mãos estão trêmulas. Ele reza para que o pior não aconteça. Verifica as horas no celular, ainda restam quinze minutos para acabar o intervalo.

Silêncio.

Pode ser que eles não o tenham visto entrar no banheiro. Passam mais dois minutos e Camilo sente alívio.

De repente, um chute na porta quebra o clima de tranquilidade. Vários pés surgem por baixo dela. Mais chutes e socos. Risos e euforia. Camilo vê o trinco sendo forçado.

Finalmente a porta é aberta. Os olhos aterradores de Camilo. A alegria dos desordeiros.

— Hora da festa, pessoal! — diz Alemão, o líder do grupo.

Uma, duas, três, quatro... Camilo perde as contas de quantas vezes tem a cabeça mergulhada na água suja da privada.

— Isso é para você aprender a não bancar o babaca e tentar falar bonito na sala pra humilhar a gente. E isso é para encerrar por hoje — Alemão acena

para um garoto que vai de encontro a Camilo. Ele leva um soco no estômago. Vomita logo em seguida.

Os garotos saem rindo, enquanto deixam Camilo de joelhos e com as mãos sobre o abdome.

— Camilo? — Sandra surge na porta do banheiro. — Ouvi o grupo do Alemão saindo daqui e falando sobre o soco que deram em seu estômago. Como você está? — ela corre para acudir o amigo.

— Nada... nada bem... — ainda sem fôlego, abatido e cabisbaixo, Camilo está com os olhos tristes. Sandra já viu o amigo assim caminhando pelas ruas de São Camilo da Maré, mas nunca o viu tão mal.

— Temos que ir à polícia — diz Sandra.

— E você acha... acha que a polícia vai dar atenção e fazer alguma coisa pra um neguinho pobre e favelado que nem eu?

— Tem muitos policiais honestos, Camilo.

— Mas eu não posso perder tempo procurando por um...

— Sabe, estive pensando... Meu avô tinha uma gráfica na comunidade. Ele fechou ela devido aos constantes assaltos, mas ainda tem alguns equipamentos. Ele amava trabalhar nela e ultimamente está com depressão. Você poderia conversar com ele...

— Pra quê? Pra deixar ele mais deprimido com os meus problemas?

— Não, mas para ajudá-lo com os seus problemas. Você já pensou em denunciar esses caras, mas sabe que pode ter represálias se eles descobrirem que foi você que os denunciou, não é?

— Sim... Mas não entendo aonde você quer chegar.

— Meu avô tem muita experiência na área gráfica com diagramação, imagens, jornais... Nós poderíamos criar um jornalzinho denunciando todos os problemas da nossa comunidade e escola, incluindo o *bullying* que você e outros de nossos colegas sofrem. Seria algo anônimo, sem crédito dos colunistas ou mesmo endereço ou nome de quem produziu o jornal. Além disso, estaríamos ajudando o meu avô a voltar a trabalhar e fazer o que tanto gostava de fazer.

— Não sei... — Camilo demonstra o desânimo de uma pessoa sem esperanças.

A sirene da escola é acionada para os alunos retornarem para suas salas. Sandra ajuda Camilo a se levantar e lava o seu rosto com água e sabonete líquido. Alguns garotos entram no banheiro.

— O que foi, nunca viram uma garota no banheiro masculino? Caem fora daqui, vamos... — os garotos saem assustados. Sandra continua a sua tarefa.  
— Você está bem para retornar à sala?

— Não estou... Irei até à secretaria e direi que não estou passando bem. Não tenho mais ânimo para estudar hoje.

A amiga o acompanha até à secretaria e lá eles ministram um remédio para dor. A diretora cogita em ligar para a mãe de Camilo, mas ele diz não ser necessário. Permanece sentado e em repouso por quinze minutos, até ser dispensado.

Naqueles dias Camilo não compareceu às aulas e nem respondeu às mensagens da amiga, muito menos atendeu as ligações em seu celular. Preocupada, Sandra foi até à sua casa depois da última aula da semana.



# Santo sobre a geladeira

Sexta-feira, noite. Em frente ao portão da casa de Camilo a campainha é acionada.

— Pois não? — diz dona Tereza da janela da cozinha.

— Oi, Tê, sou eu, a Sandra.

— Ah, é você. Tenho que usar óculos, menina, não estou mais enxergando tão bem.

Tereza abre a porta e o portão para Sandra entrar, mas nem sinal do amigo.

— Cadê o Camilo?

— No quarto. Faz dias que ele só sai para ir ao banheiro e mal come. Nem sequer saiu para assistir os filmes que ele tanto gosta de ver na tevê.

— Eu posso entrar no quarto dele?

— Pode, mas antes deixa eu avisar que você quer falar com ele — Tereza dá três batidas na porta. — Filho, a Sandra está aqui. Ela quer falar com você.

Elas aguardam longos segundos, até a porta abrir vagarosamente. Camilo com os cabelos desgrelhados e as roupas amassadas.

— Oi... — é perceptível o tom de desânimo na voz de Camilo.

— Vamos conversar? — Camilo fica pensativo, mas depois consente.

— Bom, vou deixar vocês conversando, enquanto preparo o café — Tereza vai feliz para a cozinha, pois faz dias que o filho não se socializa.

Eles sentam na cama desarrumada. Sandra nota a desorganização no quarto, algo que reflete na aparência do amigo. Ela sabe que ele não está bem e que lhe deve não somente um, mas vários favores. Um deles foi quando Carlos a traiu com uma garota da escola. Estavam namorando fazia seis meses. Foi Camilo que a consolou e aconselhou. Ele a tirou da fossa e de uma possível depressão.

— Lembra daquele assunto que comentei com você na escola? — Sandra põe a mão sobre a mão fria do amigo.

— Qual assunto?

— Do meu avô que tem uma gráfica.

— Não, nem parei para pensar nisso. Na realidade não pensei em quase nada nesses últimos dias, só fiquei aqui encolhido em minha cama...

— Pois amanhã, sábado, vamos na casa do meu avô. Comentei sobre o seu caso e a ideia do jornalzinho. Ele amou.

— Poxa, você disse o que passo lá na escola? O seu avô não vai dizer nada pra ninguém?

— Fique despreocupado. Meu avô entende bem sobre isso, pois também já foi vítima de preconceito, mas contra a religião dele, a Umbanda.

— Eu tenho que pensar, Sandra. Mas a princípio eu não quero fazer nada, só quero ficar aqui no meu quarto e não ver a cara de ninguém.

— Nem a minha?

— Nem a sua, desculpe...

Sandra dá um beijo no rosto do amigo, mas vai embora frustrada, por não ter êxito em ajudá-lo. Dona Tereza chega logo em seguida ao quarto de Camilo com uma bandeja com pedaços de bolo e duas xícaras com café.

— Cadê a Sandra, filho, foi ao banheiro?

— Não, foi embora...

— Mas ela nem se despediu... Bom, trouxe um café com bolo de laranja.

— Estou sem fome, mãe.

— Mas você tem que comer, não quis jantar...

— Mãe, por favor, não quero comer. Quero ficar aqui sozinho. Por favor... — a última frase mal sai da garganta de Camilo.

Dona Tereza, mesmo contra a decisão do filho, fecha a porta do quarto e retorna para a cozinha com a bandeja. Ela contempla a imagem de São Camilo da Maré sobre a geladeira e reza pedindo ajuda.

— Meu santinho querido, me ajuda mais uma vez, por favor. Você sabe que sempre fui uma mulher honesta e trabalhadeira. Nunca fiz corpo mole pra trabalhar ou ajudar o próximo. Por favor, ajuda o meu Camilo. Eu não sei o que ele tem ou o que está passando, mas ajuda ele, por favor...

De repente, a luz da cozinha pisca e uma forte ventania entra pela janela entreaberta da cozinha. Tereza arregala os olhos e vê isso como uma mensagem do santo.

— Mãe, acho que vou aceitar aquele bolo com a xícara de café.

— Obrigada por me ouvir, meu santinho. Obrigada... — Tereza sussurra olhando para a imagem do santo, enquanto lágrimas escorrem por sua face.

— Aconteceu alguma coisa, mãe?

— Não, filho, foi só um cisco que caiu no meu olho, mas já vai passar... Vamos tomar nosso café.

Mãe e filho tomam calmamente o café. Como nos últimos dias, Camilo tenta não encarar a mãe; ela percebe, mas não questiona, pois já é um grande passo ele ter saído do quarto e estar se alimentando.

— Sabe, filho, existem problemas que vêm para nos deixar mais maduros e resistentes para prosseguirmos adiante. Não sei o que o perturba, mas um dia as coisas estarão bem melhores para você, então se lembrará dessa nossa conversa.

— Sei... — Camilo toma mais um gole de café, enquanto olha para a estampa com corações vermelhos na toalha de plástico sobre a mesa.

— Bom, vou lavar algumas roupas, amanhã tenho que acordar cedo para fazer faxina na casa da dona Conceição.

— A senhora voltou a fazer bico de faxineira?

— Voltei. Você sabe que as coisas não estão fáceis. Aliás, não estão fáceis pra quase ninguém no Brasil. E quando surge um biquinho assim, não posso recusar.

— Eu gostaria de ajudar a senhora...

— Mas por enquanto não. Você tem que estudar, só assim garantirá um futuro melhor.

— E para a senhora também... Um dia irei recompensar tudo isso que fez e faz por mim.

Já é tarde. Tereza apenas sorri, depois vai lavar as roupas, enquanto Camilo retorna ao quarto. Da janela ele visualiza a rua com poucos transeuntes: um grupo de jovens usando drogas; mais abaixo um casal namora. Dois rapazes passam correndo. Um deles com uma arma na mão. Olha para uma pequena estante de livros ao lado da cama, vai até ela e seleciona o título *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Já leu a obra em outra ocasião, mas sente que deve relê-la. A autora está entre as mais importantes escritoras negras do Brasil, passou inúmeras dificuldades, sendo a pior delas a fome. Mesmo assim, escrevia diários, enquanto sustentava os filhos como catadora de papel. O manuscrito que tem em mãos é o relato de

uma lutadora, uma grande mulher que batalhou e venceu na vida, tornando-se escritora reconhecida dentro e fora do Brasil.

Deita na cama e lê vagorosamente algumas páginas para saborear bem a leitura. Cai no sono. Passam-se algumas horas. Camilo sonha: andando descalço pelas ruas de São Camilo da Maré, revira as lixeiras em busca de papel, enquanto a fome o deixa tonto. Olha ao redor e vê tudo girando; sorrisos, os rostos dos membros do grupo do Alemão; a inspetora Maria de braços cruzados e Sandra esticando os braços em sua direção... Ouve ao longe sussurros chamando por seu nome.

— Camilo, neguinho magrelo e metido. Acorda, seu merdinha... Vamos, Camilo, sai aí na janela. Camilo, Camilo, Camilo...

Som de vidro se quebrando.

Camilo desperta. O quarto frio. O vidro da janela quebrado. O dia amanhecendo. Calça os chinelos e verifica o movimento na rua. Ao longe vê um grupo de garotos, entre eles um mais alto e forte, com os cabelos até os ombros. É o Alemão.

O ódio percorre o seu corpo, mas depois sente tristeza e impotência... Verifica as horas: 5 horas e 48 minutos da manhã. Por sorte sua mãe já tinha saído para o trabalho.

Vai até à cozinha. Pega um saco plástico transparente, martelo, tesoura e fita adesiva. Retorna até à janela quebrada e verifica as dimensões para tapar o buraco. Quebra com o martelo os cacos de vidro que restaram na janela. Recorta o plástico com a tesoura e o fixa com a fita adesiva. Se a mãe notar, dirá que quebrou sem querer jogando bola dentro do quarto. Não será uma desculpa tão boa, já que nem joga bola, mas pelo menos tem uma, e isso já é o suficiente.

Camilo sabe que as coisas não podem mais ficar assim. Será cada vez pior. Senta-se na cama. Olha para os livros na estante: Lima Barreto, Maria Firmina dos Reis, a primeira escritora abolicionista, Carolina Maria de Jesus e até Martin Luther King estão ali. Obras sobre negros que lutaram por seus direitos, como a de Luís Gama, escravo que se tornou advogado autodidata. Na justiça, entrou com várias ações e conseguiu libertar centenas de escravos. E a do engenheiro negro André Rebouças, que foi um lutador da causa, um grande abolicionista. Sua mãe sempre dizia que seus bisavôs foram escravos; desde então passou a se interessar mais pela história e pelos guerreiros abolicionistas. Abaixar a cabeça e continuar chorando sem nada fazer seria uma desonra aos seus antepassados.

Olha para o celular sobre a cama e não pensa duas vezes e liga para Sandra.

- Quem é... — Sandra acabou de acordar com o som do celular.
- Sou eu, Sandra, o Camilo.
- Aconteceu alguma coisa?
- Não... Bom, na realidade aconteceu.
- O que aconteceu, Camilo, fala.
- Eles quebraram a janela do meu quarto... E eu estou cansado de ser humilhado. Liguei para dizer que aceito conversar com o seu avô.
- Claro. Passarei hoje aí no final da tarde. Ele vai adorar conversar com você.

Camilo tomou banho, depois café. Sentiu-se mais relaxado, mas sua mente não deixava de pensar em vingança, não com violência – pois se fizesse isso, estaria se igualando aos seus opressores, mas com inteligência. Traçou rapidamente alguns planos, tendo em vista que se fosse realmente fazer um jornal expondo todos os problemas de São Camilo da Maré, incluindo o *bullying* que sofre na escola, certamente não poderia ser identificado.

Pegou um dinheiro que ganha da mesada da mãe, algo que vem economizando desde o ano passado. Pega a sua mochila e a velha bicicleta amarela na garagem e vai em direção ao centro do bairro, local onde estão as principais lojas e comércios. Durante o caminho e pelas ladeiras, observa o Sol despontando sobre a longa favela; também observa pelas ruas os moradores empurrando seus carrinhos em direção ao centro, alguns com café e chá dentro de cafeteiras, bolos e pães de queijo dentro de potes plásticos, outros com mercadorias, como roupas e eletrônicos. As pessoas aprendem a se virar, pois não pode faltar o pão de cada dia. O desemprego fez gerar milhares de camelôs no Brasil. Camilo já pensou em vender picolés e geladinhos para ajudar nas despesas de casa, mas a mãe nunca deixou. Acha perigoso o filho ficar andando nas ruas de São Camilo da Maré e à mercê dos bandidos e outros perigos. Além disso, a prioridade são os estudos, mas Camilo é teimoso e ainda pensa em ajudar a mãe em breve.

Pelo caminho vê um velho conhecido.

- Oi, Camilo, aonde vai com tanta pressa? — diz seu Tonho, empurrando seu carrinho com quitutes e café da manhã.
- Estou indo lá para o centro, tenho que comprar algumas coisas.
- Olha, toma um legítimo pão de queijo mineiro quentinho que a minha mulher acabou de fazer — Camilo para de pedalar e aceita a oferta.
- Muito obrigado, seu Tonho. Que o senhor faça muitas vendas — Camilo volta a pedalar, só que desta vez mastigando o pão de queijo do caridoso seu

Tonho, um senhor aposentado que saiu de Minas Gerais para se aventurar com a esposa e seus três filhos em São Camilo da Maré. Eles achavam que encontrariam mais oportunidades, mas não encontraram. As dificuldades fizeram descobrir o que faziam de melhor: pão de queijo. E é isso que ajuda a manter as despesas de casa e sustentar toda a família.

Camilo pedala velozmente por ruas de terra até chegar à estrada principal que vai direto ao Centro Comercial. Em menos de cinco minutos estará lá.

# Centro Comercial

Camilo acorrenta a bicicleta num poste, depois ajeita a mochila nas costas. Retira do bolso a lista com os itens que precisa comprar:

- Um par de luvas
- Touca ninja
- Spray preto, azul, branco, dourado e marrom
- Notebook usado

O último item certamente será o mais caro, mas Camilo sabe que pode pechinchar, assim como todos fazem no Centro Comercial de São Camilo da Maré.

Não foi difícil encontrar uma loja com os dois primeiros itens. O par de luvas e touca ninja foram realmente uma pechincha. Os sprays, teve de pesquisar em três lojas, e acabou comprando na que apresentou o valor mais baixo. Já para o notebook usado, foi até à loja de informática que faz manutenção. Eles compram notebooks usados e até quebrados, consertam, trocam peças e vendem mais barato.

Camilo entra na loja e logo se depara com um notebook de cor prata. Por alguns segundos imaginou-se digitando textos, relatando os problemas de São Camilo da Maré e denunciando o grupo do Alemão.

— Vai ficar só olhando ou vai querer comprar? Isso se você tiver dinheiro, claro — diz o vendedor, um senhor robusto, calvo e de óculos de grau.

— Sim, eu estou querendo comprar. Estou verificando a configuração, memória e processador do equipamento — Camilo nunca teve um notebook, mas já leu muito sobre eles.

— Embora seja usado, esse é top de linha. Mas acho que você... — o vendedor olha para Camilo e fixa em seus pés sujos de barro — não pode comprar.

— Por quê? Por que estou de chinelos e meus pés estão sujos? Eu vim pedalando até aqui, passei por ruas de terra e algumas poças de lama.

— Não é isso, é que... — o vendedor olha para Camilo e faz cara de deboche.

— É o quê? Por que sou negro? Negro e com os pés sujos de lama?

— Quer saber, é isso mesmo. E cai fora do meu estabelecimento, tenho mais o que fazer. Além disso, sujou o chão. Cai fora, vamos, antes que eu chame a polícia.

— Olha aqui o que eu tenho no bolso — o vendedor dá um pulo para trás e arregala os olhos quando Camilo enfia a mão no bolso. — Mas fique tranquilo, o neguinho aqui não tem uma arma. Tenho dinheiro, veja — Camilo mostra o maço de dinheiro. — Esse dinheiro é suado. Minha mãe trabalhou muito por ele e eu economizei por longos meses para poder vir até aqui comprar um notebook.

O vendedor coça a cabeça e fica sem fala. Era dinheiro vivo que o garoto tinha nas mãos e não era fácil alguém entrar em sua loja e comprar um equipamento à vista e em espécie.

— Mas quer saber de uma coisa? Não compro em loja de racistas e isso é crime, sabia? Tem outras lojas aqui no Centro Comercial e certamente alguém em uma delas me atenderá melhor do que você. Passar bem — Camilo sai de cabeça erguida, mas com um nó na garganta. Sente vontade de abandonar a ideia de comprar um notebook e retornar para casa o mais rápido possível, mas recorda-se do que leu sobre os abolicionistas. Recorda-se dos seus antepassados que foram escravos e sabe que deve arrancar forças onde parece não mais existirem. Deve continuar, custe o que custar.

Camilo entra na loja do concorrente, que fica bem ao lado da que acabou de sair.

— Pois não, em que posso ajudá-lo? — diz sorridente o vendedor.

— Eu gostaria de um bom notebook usado, mas com preço acessível.

O vendedor apresenta dois notebooks para Camilo. Um deles é bem semelhante ao que acabou de ver na loja anterior. As configurações são as mesmas e o preço ainda mais baixo.

— Gostou desse? Dou-lhe garantia de seis meses, mesmo sabendo que não vai dar problema, pois o equipamento é excelente, qualquer dúvida poderá vir aqui.

— Fechado. Vou pagar à vista — o vendedor, agora mais sorridente ainda, fez o recibo e o pacote com o notebook.

Camilo faz questão de sair com o embrulho nas mãos e caminhando lentamente, passando em frente à loja em que foi maltratado.

— Olha aqui a venda que você acabou de perder — Camilo mostra o embrulho para o vendedor, depois sai feliz pelos corredores do Centro Comercial.



Retorna até o local onde deixou sua bicicleta. Ela está lá bem acorrentada, mas há algo diferente: os seus dois pneus estão murchos.

Som de gargalhadas denuncia um grupo de garotos e, no centro deles, o que Camilo já esperava: Alemão.

Os dois se encaram.

— Vai voltar pra casa a pé, molambento — Alemão dá as costas para Camilo e sai gargalhando com a sua turma. Por sorte, pelo menos por hoje, ficou apenas nisso.

Camilo abre o cadeado e guarda a corrente na mochila. Logo em seguida começa a empurrar a bicicleta. Na ida de casa até o Centro Comercial são várias descidas, mas a volta é pior, porque são subidas.

O olhar percorre longe, até o topo da íngreme montanha onde estão fixadas as pequenas casas da sua comunidade.

O dia está apenas começando...

# Gráfica Rebouças

Sandra e Camilo elaboram pequenos textos sobre alguns dos principais problemas de São Camilo da Maré, como ruas sem asfalto e falta de iluminação, esgotos a céu aberto e outros, incluindo os do colégio Emília Brandão: banheiros com descargas quebradas, falta de limpeza, merenda escolar pobre, composta muitas vezes de um copo com leite e café e três biscoitos água e sal, falta de professores e substitutos e uma matéria principal, que será o mote da edição de nº 01 do Jornal São Camilo da Maré, o preconceito racial, religioso, homofobia, *bullying* etc. Também levarão informações sobre escritores e abolicionistas, sendo que a escritora Carolina Maria de Jesus será a primeira, tendo uma breve biografia publicada. As imagens já estão reunidas num pen drive, assim como as matérias.

Camilo pega a mochila e coloca dentro dela o notebook, algumas anotações e o pen drive. Sandra embrulha alguns pedaços do que sobrou do bolo de laranja que dona Tereza fez no dia anterior.

Estão prontos para irem até à casa do seu Crispim, avô de Sandra. Sua residência fica bem próxima do campinho de futebol, cerca de quinze minutos a pé.

Durante o percurso, Camilo e Sandra conversam.

— Já imaginou como seria o mundo se todas as pessoas se respeitassem, independentemente do sexo, religião ou etnia?

— Sim, já pensei nisso, Sandra, mas infelizmente a maioria luta e briga por tudo, até por política ou time de futebol. Os problemas existem e sempre existirão, o que podemos fazer é tentar amenizá-los e, pelo menos, conscientizar as pessoas de que determinados comportamentos podem ser prejudiciais. Os agressores não pensam que as vítimas sofrem com isso, ficam depressivas a ponto de serem prejudicadas no trabalho, na escola, na vida amorosa, no convívio familiar e até na sociedade. Muitas cometem suicídio.

Veja o grupo do Alemão, fazem isso comigo e com outros por mero prazer.

— Sim, mas isso tem que acabar, custe o que custar.

Ambos caminham decididos até à casa de Crispim. Camilo está ansioso para conhecê-lo.

— Vó Ana. Vó Ana, abre aqui, é a Sandra — ambos aguardam em frente ao portão. Camilo vê uma antiga placa com letras quase apagadas. Notam-se os

dizeres: Gráfica Rebouças, cartões de visitas, panfletos, calendários e serviços gráficos em geral.

— Sandra, é você? Eu tô aqui na porta. Entra, o portão está destrancado — uma senhora de cabelos brancos usando óculos e um vestido longo florido surge na porta. — E quem é esse menino bonito que está com você, seu namorado?

— A sua avó é engraçada — Camilo fica acanhado, mas acha Ana simpática e bem direta.

— Sim, ele é bonito, mas não, vó, Camilo é só um grande amigo. Viemos aqui para conversar com o vô. Ele está?

— Sim, minha filha, entra. Desde manhã ele está lá no porão, na gráfica. Fazia muito tempo que ele não descia lá. Deve estar tirando o pó e ajeitando as coisas.

Camilo nota a casa extremamente limpa. Dava para ver o seu reflexo no assoalho da sala. Sandra tirou os sapatos, e ele fez o mesmo com seus chinelos, deixaram num canto do lado de fora da porta de entrada. A amiga o conduziu até o porão, onde seu avô estava, e logo na entrada já se depararam com uma grande copiadora. Ao lado uma outra menor, alguns equipamentos, guilhotinas, um computador de mesa e até uma máquina de escrever, algo que nunca tinha visto de perto, a não ser em sites de antiguidades. Ficou deslumbrado. Nas paredes vários banners e cartazes, sobre as duas mesas folders em fileiras, cada um com uma arte diferente. Num canto sobre o balcão alguns livros em processo de produção.

— Esse é o meu romance. O meu único romance. Comecei a produzi-lo aqui na gráfica com material de primeira, mas desanimei depois de alguns acontecimentos, acabei encerrando tudo e ficou inacabado... Bom, você deve ser o Camilo, estou certo? — Assim como Ana, Camilo achou Crispim simpático. Um senhor de aparência simples, usando calça social, suspensórios, camisa de manga comprida branca e boina cinza-escura.

— Sim, sou o Camilo. Muito prazer. Gostei da gráfica do senhor e achei linda a máquina de escrever.

— Obrigado, meu filho. E a máquina de escrever foi um presente que ganhei do meu pai na juventude. Escrevi muitos poemas nela. Depois vieram os computadores e elas acabaram ficando de lado. Essa peça é uma relíquia, tem mais de 60 anos. Mas vocês vieram aqui para conversar sobre um jornal que pretendem fazer, certo?

— Isso, vô. Jornal São Camilo da Maré. Um periódico informativo, com denúncias sobre racismo, *bullying*, homofobia, preconceito religioso, problemas

pedagógicos de nossa escola e vários problemas sociais em São Camilo da Maré.

— Achei uma excelente iniciativa essa ideia de vocês. Eu pretendia nunca mais descer nesse porão. Eu tinha abandonado tudo fazia tempo, já era coisa do passado. Mas essa ideia do jornal deu um novo ânimo pra esse velho rabugento.

— O senhor está muito bem para a idade que tem. E está bem longe de ser rabugento — Sandra põe a mão sobre o ombro do avô e faz carinho.

O trio conversa e faz os preparativos por mais de duas horas e são interrompidos apenas por Ana, que traz um lanche.

Definiram a logomarca do jornal e o slogan “Não ao racismo, preconceito religioso, homofobia, gordofobia, *bullying* e qualquer tipo de violência ou preconceito”. O layout com as matérias extraídas do pen drive que trouxeram também ficou pronto. Crispim faria apenas uma revisão nos textos e retoques finais nas imagens e artes.

Faltava pouco, e essa primeira edição teria uma tiragem de 900 impressões.

— Segunda-feira à noite estará pronta. Como vocês farão a distribuição? — pergunta Crispim.

— Faremos à noite. Não podemos ser identificados, pois não sabemos qual será a reação dos denunciados e nem a repercussão que vai dar. Deixaremos 400 exemplares na porta da escola e os outros 500 colocaremos de porta em porta. Não serão muitos, mas essa primeira edição será apenas um teste — diz Camilo confiante.

— Estou louca para ver o jornal impresso, pegá-lo em minhas mãos e sentir o cheirinho de novo dele. E depois vamos discutir a logística de distribuição. Quais ruas faremos primeiro e em quais casas e comércios deixaremos exemplares — Sandra fala radiante.

— Bom, agora vamos comer um pouco que a comida da Ana está cheirando. Depois voltarei aqui no porão para dar continuidade ao trabalho — Crispim está animado e Sandra feliz, pois os últimos meses via o avô apenas cabisbaixo caminhando pelos cantos da casa, isso quando não estava dormindo.

Esse sábado seria o primeiro dia de uma longa jornada, uma luta em busca de respeito, igualdade e direitos humanos.

# Preparativos

Camilo ouve som de soluços vindos da cozinha. Caminha do seu quarto até lá vagarosamente, porém apreensivo, e se depara com sua mãe, sentada e triste. Ele nunca tinha visto a mãe assim.

— O que houve, mãe? Aconteceu alguma coisa? Está sentindo alguma dor?

Tereza apenas olha para o filho, mas a voz não sai.

— Mãe, estou ficando preocupado. Quer um copo com água? O que a senhora tem? — Camilo demonstra nervosismo e vai de um lado para outro sem saber o que fazer.

— Isso é tristeza, filho. Hoje fui muito humilhada...

— O que aconteceu?

— Ao sair do trabalho, fui numa loja ver os preços de algumas coisinhas que pretendo comprar, e logo percebi que dois seguranças estavam me seguindo. Para ter certeza, fui em outro departamento da loja e eles também foram, até que um deles chegou bem próximo e disse que o estabelecimento não aceitava pedintes. Eu disse que fazia bico de faxina e que tinha dinheiro, porém, naquele momento, estava apenas pesquisando os preços para posteriormente comprar. Ele não acreditou e pediu para que eu me retirasse da loja... — Tereza desaba em lágrimas. Camilo fica revoltado com a história. Pensava que apenas ele passava por isso, mas sua mãe também passa. E para racismo e preconceito não existe remédio, mas sim educação.

Camilo vai até o armário da cozinha procurar por um envelope de chá de camomila para acalmar a sua mãe, mas não encontra; então resolve ir até ao mercadinho que fica no final da rua ao lado da sua casa. No caminho nota, mais uma vez, a rua esburacada e sem asfalto. Desde que mora ali, isso sempre foi assim. Com o seu celular, tira uma foto. No final da rua vê a caçamba onde os moradores depositam seus lixos. Ali dá de tudo; além das moscas, a qualquer hora do dia se veem ratos, gatos, cachorros, baratas e pombos tentando consumir um pouco do lixo apodrecido. Mais uma foto. Também nota uma movimentação em frente ao mercadinho que pretende ir. Seu Manuel, proprietário, está entre eles.

— O que aconteceu? — Camilo pergunta para uma das pessoas que estão em volta do seu Manuel.

— Foi assalto. É a terceira vez esse mês. Estavam todos encapuzados. E ainda deram um tiro na câmera de segurança para não serem filmados.

Camilo se afasta e disfarça, mas tira uma foto do seu Manuel e daquelas pessoas em frente ao estabelecimento; instantes depois chega um carro de reportagem. Um conhecido repórter que cobre assuntos policiais desce dele.

Quantos problemas de uma só vez. Com os acontecimentos orquestrados pelo Alemão e seu grupo, enfrentados na escola, Camilo não notava outros problemas que ocorriam ao seu redor. Algo que agora precisa estar atento, pois já pensa em escrever novos artigos e matérias para a edição de nº 2 do jornal.

Algumas pessoas apontam para Camilo. De longe ele ouve alguém dizer: “Ele é o filho da Tereza” e “Não, não pode ser um deles, o bandido não seria tão idiota de assaltar e permanecer aqui próximo. O grupo que fez o assalto deve estar longe”. O repórter apenas olha para Camilo e o seu celular; mas antes que sobre para ele, resolve retornar à sua casa. Depois, com mais tempo, irá averiguar e tentar saber mais detalhes do ocorrido para que possa publicar na próxima edição do jornal.

— Mãe, saí para comprar chá de camomila para a senhora, mas tinham acabado de assaltar o mercadinho do seu Manuel.

— Meu São Camilo da Maré, qualquer dia desses não terá mais nenhum comércio aqui no bairro. E a polícia, estava lá?

— Não vi nem sinal da polícia, mas aquele repórter que cobre assuntos policiais que a senhora gosta de ver na tevê, estava lá. Mas acalme-se, a senhora já está com problemas demais para se preocupar com mais um. Logo o seu Manuel irá se recuperar do susto. Por que não vai se deitar um pouco?

— Você tem razão, filho. Vou tomar um banho, depois vou me deitar. Deus e São Camilo da Maré cuidarão de tudo...

— Assim espero, mãe.

### **Manhã. Segunda-feira.**

Longe da vista dos vizinhos, com o spray, Camilo pinta a sua bicicleta na cor prata e a deixa no Sol para secar. O celular vibra no bolso.

— Bom dia, Camilo. Como você está?

— Oi, Sandra. Estou bem, mas ansioso para ver o nosso jornal — enquanto fala, Camilo olha o bom trabalho que fez em sua bicicleta.

— É sobre isso mesmo que liguei para falar. O meu avô disse que fez os últimos retoques e que vai começar a imprimir os exemplares daqui a pouco. Depois vai dobrar as folhas e grampear. Depois da aula nós poderemos ir até lá para pegá-los.

— Combinado — Camilo esquentava o almoço que a sua mãe deixou e, logo em seguida, prepara-se para ir à escola.

*Essa segunda-feira será diferente das demais*, pensa Camilo, enquanto caminha ao encontro de Sandra, que está radiante. Ela sorri quando avista o amigo, e isso dispara o seu coração. Ele faz o possível para disfarçar o que sente por ela, algo que vai bem além da amizade, mas precisa se controlar. Não quer levar um fora e acabar estragando tudo. Com paciência, o tempo dirá o momento certo para se declarar.

— Oi, Camilo. Como está o olho?

— Bem melhor, nem preciso mais de óculos escuros. Só espero não dar de frente com o grupo do Alemão.

Logo na entrada, ambos notam a degradação das paredes da escola. Sandra apenas olha para Camilo, que rapidamente retira o celular do bolso e tira uma foto.

— Tirando foto minha, Camilo? — diz a inspetora Maria, olhando fixamente para o celular.

— Não, não. Eu estava... estava apenas verificando o zoom do meu celular, apenas isso — Camilo sente nervosismo e sorri para disfarçar; Sandra o puxa em direção ao pátio.

— Você tem que disfarçar mais, Camilo. Foi fácil notar que você estava mentindo, ainda mais para uma pessoa experiente como a Maria.

— Tem razão, Sandra. Terei mais cuidado da próxima vez.

— E essa próxima vez está bem próxima. Olhe disfarçadamente para trás e veja o que o Alemão está fazendo...

Camilo olha disfarçadamente e vê o Alemão segurando um garoto pela garganta. Por um segundo sente alívio por não ser ele, mas depois sente revolta. O garoto que está sendo agredido é albino e usa óculos de grau com armação preta. Seus olhos parecem pequenos através das lentes.

Mais uma foto é tirada, mas dessa vez foi feita com mais sigilo. Logo em seguida Maria separa os dois garotos. O que foi agredido põe a mão na parede

e parece estar sem fôlego. Alemão parece inventar alguma desculpa para a inspetora, que o segura pelo braço e o leva à sala da diretoria. Ela foi bem enérgica e desta vez estava no momento certo, algo que nem sempre acontece quando Camilo é agredido.

— Está tudo bem com você, garoto? — pergunta Camilo, enquanto Sandra tenta consolá-lo.

— O que você acha? Esse é o meu primeiro dia aqui e é assim que sou recebido.

— É mesmo, nunca o vi antes. Mas para lhe servir de consolo, nem todos são assim nessa escola. Só... só alguns alunos — e Camilo sabe que só esses poucos alunos já causam o terror na escola. — Prazer, eu sou o Camilo e essa é a minha amiga Sandra.

— Oi, eu sou Renato, mas pode me chamar de Nato — Renato parece forçar a vista para enxergar os novos amigos. A claridade atrapalha a sua visão. E depois de darem as mãos, cada um vai até à sua sala e, para surpresa de Camilo, Nato entra na mesma sala que ele.

— Seja muito bem-vindo, Nato. Já que ninguém senta ao meu lado, se quiser... Renato não pensa duas vezes e senta ao lado do novo amigo. De certa forma, já se sente um pouco mais reconfortado, apesar dos olhares dos membros do grupo do Alemão sobre ele.

— Pessoal, o Alemão foi suspenso por três dias — diz um dos alunos. Camilo sorri. Renato olha para ele e faz o mesmo, mas Camilo sabe que isso será temporário, e que ainda essa semana ele retornará e o inferno virá com ele.

Maria surge na porta da sala e aponta para o novo aluno.

— Silêncio, pessoal. Esse novo garoto começou hoje aqui na escola. Seu nome é Renato. Sua família mudou-se para São Camilo da Maré. Mas, ao invés de ser recebido de abraços abertos, logo na entrada foi agredido pelo Carlos — Maria refere-se ao Alemão. — Ele ficará suspenso por três dias, para que possa refletir durante esses dias e que aprenda a respeitar mais os seus colegas. Depois, Renato, dê uma passada na diretoria para trocar umas palavrinhas com a diretora — antes de sair, Maria arregala os olhos e encara os membros do grupo do Alemão. Todos ficam em silêncio, mas logo que ela sai, ouvem-se risos de escárnio e até frases, como: “agora o branco é amigo do neguinho” e “o novo quatro-olhos da escola”.

Camilo sente que deve se unir ao novo colega, pois juntos terão mais força.



## **Noite. Depois da aula.**

Enquanto aguarda Sandra, Camilo se despede do novo amigo e nota que ele parece não forçar tanto a sua vista à noite.

A amiga chega majestosa e faz algo inusitado: segura em sua mão, e ambos caminham até à casa de Crispim e Ana.

Camilo, mesmo empolgado para saber como ficou o jornal, caminha lentamente, pois quer aproveitar o máximo possível a companhia da amiga, ainda mais de mãos dadas.

# Jornal São Camilo da Maré

Ana abre a porta e Sandra e Camilo descem até à gráfica. Sobre a bancada eles visualizam a pilha de jornais. Crispim surge logo em seguida com um exemplar em mãos.

— Esse é o nº 1 do Jornal São Camilo da Maré — Crispim mostra o exemplar para Sandra e Camilo.

Sandra sente o cheiro de novo do jornal. Camilo nota que as imagens estão em cores. Ambos folheiam e notam o capricho na edição.

— Será um sucesso — diz Camilo.

— Obrigada, vô. Ficou lindo — Sandra está com os olhos lacrimejantes.

— Eu que agradeço por poder mostrar que ainda sou útil.

— E eu também agradeço, pois não aguentava mais ver esse homem triste pelos cantos da casa. Está até mais corado — diz Ana na entrada da gráfica.

— Bom, pessoal. Agora é sigilo total. Ninguém pode saber que esse jornal foi feito aqui e por nós, pois podemos sofrer represálias — Camilo demonstra seriedade ao falar.

— Podem confiar em nós. Sabemos guardar segredo. E já vamos pensando na edição de nº 2 com uma tiragem maior. São Camilo da Maré tem cerca de 8 mil habitantes. Desta vez vamos tentar fazer uma tiragem de pelo menos 3 mil exemplares. Papel e tinta é o que não falta aqui na gráfica, pelo menos por enquanto — diz Crispim.

— Ótimo, vô. E depois vamos pensar em como ajudá-lo nas despesas, pois além dos materiais, tem também a energia elétrica que o senhor gasta com as máquinas. Bom, agora vamos dividir a quantidade de jornais para que eu possa ajudar a levar. Vamos colocá-los em dois sacos de lixo. Eu levo um e você leva o outro, Camilo — Sandra separa a metade dos exemplares e os coloca em um saco de lixo. Camilo guarda o restante, com ressalva de dois, que deixa na gráfica.

— Tomem cuidado. Depois da distribuição, vamos ver qual será a repercussão. E já vamos pensando nas matérias da 2ª edição — diz Crispim atarefado, ajeitando alguns papéis sobre a bancada.

Os jovens se despedem e andam apressados até à casa de Camilo; quando chegam, preparam tudo, pois a distribuição será de madrugada, depois que dona Tereza dormir.

### **Terça-feira. Madrugada.**

Camilo coloca a touca ninja, uma blusa e as luvas, pega sua mochila com metade dos exemplares e sai pela janela do quarto. A bicicleta, já com a tinta totalmente seca, não levantará suspeitas, pois muitas pessoas de São Camilo da Maré o conhecem pela cor anterior da bicicleta.

Vagarosamente e com cautela, sai da garagem empurrando a bicicleta. Já na rua, consegue pedalar livremente. O costumeiro grupo de rapazes usando drogas não dá atenção para o encapuzado, que passa pedalando velozmente. Para eles é só mais um ladrão fugindo após um assalto.

Camilo se distancia do grupo e seleciona o local para deixar o primeiro exemplar da noite: o mercadinho do seu Manuel, devidamente posto embaixo da porta. Entregou os outros exemplares aleatoriamente. Vez ou outra um cachorro avança sobre ele, mas nada que o impeça de continuar o seu trabalho em prol de melhorias para a sua escola, São Camilo da Maré, seus amigos e, claro, também para si.

São cerca de duas horas rodando e nada da polícia. Bom para ele, mas ruim para o bairro, pois latrocínios e outras barbáries podem acontecer.

O último exemplar foi entregue. Agora falta a outra metade dos jornais que ficaram em seu quarto. Terá que retornar e fazer silêncio, para a mãe não acordar. Trabalho tremendo que está tendo nessa noite, mas que espera valer a pena, algo que já está sendo positivo, pois, além de estarem lutando em prol de melhorias, Crispim, avô de Sandra, saiu da depressão, fazendo o que tanto ama: trabalhar em sua gráfica.

Como um gatuno, Camilo entra em seu quarto e coloca quase todos os exemplares em sua mochila. O restante leva num saco de lixo. Pedala até o colégio Emília Brandão. Olha para todos os lados e não vê ninguém. Procura por algo para colocar os exemplares e deixar na porta principal do colégio. Encontra um caixote de madeira, perfeito para o que pretende fazer. E para que os jornais não se espalhem com o vento, coloca uma pedra sobre eles.

*Graças a São Camilo da Maré, nada de chuva* – pensa Camilo, após olhar para o céu estrelado.

Camilo retorna para casa. São 3 horas e 45 minutos da manhã. Vai dormir, ou pelo menos tentar, e aguardar pelo resultado.

### **Terça-feira. 8 horas da manhã.**

Camilo desperta com o som do celular.

— Alô...

— Alô. Oi, Camilo. Que voz é essa? Deu certo a distribuição dos jornais? — Sandra está eufórica.

— Sim, deu certo. Foi tudo como planejamos. Cheguei em casa quase 4 da manhã... — Camilo coloca o celular sobre a cama e esfrega os olhos, para logo depois retomar a conversa. — Vamos ver a repercussão que vai dar.

— Falando nisso, meu avô disse que já quer preparar o número 2 e que acha melhor ter uma periodicidade semanal. Você concorda?

— Sim, claro. Semanalmente teremos bastante conteúdo.

— Então está ótimo, faremos isso. Bom, o papo está bom, mas tenho que ajudar minha mãe nas tarefas de casa. Nos vemos no caminho para o colégio.

— Até mais, Sandra!

Camilo levanta da cama e espia através da janela quebrada do quarto. Algumas pessoas passam com o jornal na mão. Seu coração dispara. No início, quando Sandra deu a ideia da criação do jornal, pensou no porquê de criar um blogue, algo mais moderno, rápido e sem muitos custos. Mas o fato de tirar Crispim da depressão já valeu muito a pena.

# Repercussão

Sandra e Camilo chegam ao colégio e notam os últimos exemplares do jornal sobre o caixote, saindo um por um. Por sorte, a diretora ainda não soube sobre o conteúdo que revela problemas na unidade Emília Brandão; caso contrário teria mandado recolher os exemplares.

Camilo vê ao longe Maria lendo o jornal. Ela parece nervosa e, logo em seguida, vai em direção à secretaria. Alunos estão com o jornal nas mãos, até os professores. Renato está com o jornal bem próximo aos olhos.

— Mostre tranquilidade, Camilo. Ninguém sabe que fomos nós — Sandra dá um beijo no rosto do amigo e entra em sua sala.

Ao virar-se, Camilo dá de frente com os membros do grupo do Alemão.

—Aê, neguinho. Tá com namorada, é? Apresenta ela depois da aula. Aqui é macho de verdade — ambos caem na gargalhada, mas Camilo não dá atenção e passa direto por eles. — Ei, estou falando com você, mano. Cê vai apresentar ela pra gente, senão cê vai ver. — Reinaldo segura o braço de Camilo, mas é interrompido por outro garoto.

— Olha, Reinaldo, é a foto do Alemão nesse jornal segurando o novo aluno albino pelo pescoço. A gente também aparece nela.

— Cara, isso vai feder, deixa eu ver — Reinaldo puxa o jornal das mãos do amigo e lê a matéria em voz alta: — Grupo do Alemão agride novo aluno que acaba de ser transferido para o colégio Emília Brandão. O grupo, liderado por Carlos, apelidado de Alemão, vem causando terror no colégio, mostrando um dos pontos fracos da direção, que já foi bem melhor no passado. Além da violência no colégio, alunos reclamam da merenda escolar e outros problemas, como falta de professores, falta de limpeza nos banheiros e muitos outros que serão apontados em nossas próximas edições. — Agora fica a pergunta: quem foi que tirou essa foto e escreveu essa matéria? — Reinaldo olha para todos os membros, incluindo Camilo, que sua frio.

— É verdade. Se a pessoa tirou essa foto, ela estava aqui no horário do intervalo. Como um repórter conseguiu fazer isso sem ninguém ver? — diz outro membro do grupo, enquanto coça a cabeça.

Camilo sente alívio, pois sabe que provavelmente nunca descobrirão que foi ele o autor da foto e matéria, pois falta QI em seus cérebros.

— Camilo. Camilo! — grita Renato. — Você viu minha foto no jornal?

— Vi, sim, Renato, só queria que ela estivesse numa outra circunstância e num outro tipo de matéria. Mas, de qualquer forma, achei bacana a denúncia que fizeram. Espero que isso cesse o mais breve possível, tanto o que fazem comigo, como fazem com você e outros do colégio — Camilo encara Reinaldo.

Os membros do grupo do Alemão olham para Renato. Reinaldo cerra os olhos, mas entra na sala sem dizer nenhuma palavra. Os outros integrantes fazem o mesmo. Camilo sorri, pois parece que o jornal já está funcionando. Ele, Renato e a professora de História são os últimos a entrarem.

— Pessoal, silêncio, pois tenho um comunicado da diretoria. Hoje o intervalo será de 50 minutos — os alunos fazem algazarra. — Silêncio, ainda não terminei. Isso será algo extraordinário, pois faremos uma reunião referente a algumas denúncias sérias que lemos nesse novo jornal São Camilo da Maré. E falando nisso, alguém tem alguma informação ou sabem quem o produziu?

— É o que nós gostaríamos de saber. E tenho certeza que quando o Alemão retornar da suspensão, também vai querer saber — diz Reinaldo, com ar de deboche.

— Bom, mas quem foi também não importa. Se for para melhoria da escola e do nosso bairro, pois também tem muitas outras denúncias, tudo bem — encerra a professora.

Camilo olha para Renato, que parece forçar a vista para enxergar a professora. Alguém atira com força um pequeno objeto em sua cabeça, depois na de Camilo. Ambos não olham para trás, pois é óbvio e já sabem quem foi. Ele espera que o jornal possa conscientizar os alunos de que qualquer forma de agressão é errada. E que a direção possa reforçar essa ideia por meio dos professores em sala de aula.

# Dia seguinte

## Tarde. Escola Emília Brandão.

Camilo vai ao banheiro masculino e logo percebe que está limpo. Dois funcionários da manutenção consertam as válvulas das descargas. E no pátio, além da inspetora, a diretora Regina também inspeciona o movimento e os alunos estão mais calmos ou com receio. Alemão passa pela diretora de cabeça baixa.

*As palavras possuem força*, pensa Camilo, referente ao jornal que produziram. Sandra, na porta da sua sala, faz sinal para o amigo, que vai até ela.

— Camilo, parece que está dando certo a nossa ideia do jornal, não é? — Sandra fala baixo para que ninguém, além de Camilo, possa ouvir. — Meu avô vai adorar saber disso. Mas o que eu queria mesmo falar com você era sobre outra ideia que eu tive.

Camilo olha atentamente para a amiga, pois sabe que ela sempre tem boas ideias.

— O que acha de colocarmos mais um integrante em nossa equipe na produção do jornal?

— Mais um integrante? Não sei se seria uma boa ideia. Teria que ser alguém confiável e, no momento, não recordo de mais ninguém.

— E o Renato, o novo aluno?

— O Renato? A gente ainda não conhece ele muito bem. Fora isso, não enxerga direito.

— Ele parece ser boa pessoa, além de que é vítima do grupo do Alemão. E pelo que li, albinos enxergam melhor à noite. A claridade e o Sol atrapalham a visão deles. Depois da aula, poderíamos convidá-lo para tomar café na casa dos meus avós.

— Concordo, Sandra. Vamos convidá-lo.

De repente, alunos correm e se aglomeram do lado de fora da escola. Sandra e Camilo fazem o mesmo, pois querem saber o que está acontecendo; em meio à confusão, notam sangue no chão. Uma senhora acaba de ser atropelada. O motorista foge sem prestar socorro. Camilo tira o celular do bolso e consegue tirar uma foto do carro e da placa; também faz algumas fotos da cena, inclusive

mostrando a falta de sinalização na rua. Enquanto isso, um carro de reportagem que passava por ali aproveita o momento. Tony Rocha, o repórter policial que faz as principais reportagens do programa *Alcance da Cidade*, desce do carro, assim como a sua equipe. O foco dele é a pessoa acidentada; já o foco de Camilo é a falta de sinalização, tendo em vista que novos acidentes podem ocorrer, se isso não for corrigido. As fotos continuam, até Camilo dar de frente com uma pessoa.

— Fotografando a cena, garoto?

Camilo olha primeiro para os sapatos pretos incrivelmente engraxados. Vai subindo o olhar e passa pela calça cinza engomada, o cinto preto com fivela dourada, até a camisa de manga longa branca. É o repórter Tony Rocha.

— Sim, sim... estou fotografando a cena — outras pessoas fazem o mesmo que Camilo, mas parece que a forma como ele posiciona o celular para bater as fotos e sua maneira centrada de fazer isso despertaram a atenção do repórter.

— E para que você está fazendo essas fotos?

Sandra chega e fica no meio dos dois.

— Para apenas uma coisa: não lhe interessa — Sandra puxa o amigo para dentro da escola; o repórter fica apenas parado, olhando os dois amigos, enquanto algumas pessoas tentam puxar conversa com ele; outras, mesmo com a cena terrível do atropelamento, pedem autógrafa.

— Não dê moleza. Lembre-se de que ele é um repórter sensacionalista. Ele pode querer se aproveitar das suas fotos.

— Sim, e eu tenho uma foto importante: a do carro do motorista que atropelou a senhora e fugiu não prestando socorro. Temos que publicar isso no jornal.

— Mas a próxima edição não será veiculada apenas na semana que vem?

— Sim, seria. Mas acho que podemos adiantá-la, já que temos muito conteúdo e esse atropelamento não pode passar em branco.

Renato chega, conversa e comenta sobre o atropelamento.

— Acabei de saber que a senhora que foi atropelada faleceu. Ela tinha 67 anos e tinha acabado de deixar o neto aqui no colégio.

Todos ficam arrasados com a notícia e percebem que o socorro acaba de chegar, mas é tarde demais.

— Oi, Renato, eu sou a Sandra, amiga do Camilo. Já fomos apresentados antes — a Sandra estende a mão para Renato, mas não é correspondida.



— Oi, Sandra — Renato força a vista para vê-la e Sandra acaba de compreender o motivo de ele não ter estendido a mão.

— Eu e o Camilo gostaríamos de convidá-lo para tomar um café hoje depois da aula, lá na casa dos meus avôs.

— É sério ou é algum trote? Isso é alguma brincadeira, não é? — Renato fica desconfiado, já que não recebe muitos convites.

— É sério. A gente quer dar as boas-vindas ao novo amigo.

— Então está aceito. Não poderia recusar o convite de uma bela garota — Renato sorri e contempla o rosto da nova amiga. Camilo interfere.

— Aham, eu também estarei lá. E os avôs da Sandra também estarão lá.

— Entendi, grande Camilo. Agradeço muito pelo convite — Renato sai Tateando as paredes e entra na sala ao lado da sua.

— Não sei se será uma boa ideia, Sandra. Ele errou até a sala de aula...

— acredite em mim, ele enxergará muito bem à noite e será superútil para o nosso jornal. Bom, espero que ele aceite fazer parte do nosso time.

### **Mesmo dia. Noite.**

No término da aula, o trio caminha em direção à casa dos avôs de Sandra. Renato parece não forçar a vista e caminha tranquilamente nas ruas mal iluminadas e esburacadas de São Camilo da Maré. Parece enxergar até mais que Sandra e Camilo.

— Um cadeirante jamais passaria por essas ruas e calçadas desniveladas. Deveríamos ter uma padronização para que elas sejam acessíveis aos deficientes — diz Sandra com propriedade.

— Mas se não temos nem asfalto ainda, imagina calçadas assim... — pondera Renato.

— Isso é algo pelo qual vamos lutar, Renato — complementa Camilo. — Logo você saberá mais.

Ambos continuam o trajeto e, durante o caminho, notam três pontos de venda de drogas. Muitos jovens compram e usam ali mesmo nas calçadas e não dão a mínima para os pedestres. Com certa dificuldade, Camilo retira o celular do bolso e tira uma foto sem *flash* para não chamar a atenção. A imagem não ficou tão nítida, mas dá para visualizar o que estavam fazendo.

— Vó, é a Sandra! — Eles aguardam em frente à casa, mas quem abre não é Ana, mas Crispim. — Oi, vô. Como o senhor está?

— Estou bem, minha filha, entrem que a Ana já está preparando o café — ambos entram e Sandra apresenta ao avô o novo amigo.

Enquanto aguardam Ana preparar o café, Sandra pede ao avô para mostrar a gráfica para Renato, que fica maravilhado com o que vê, assim como Camilo ficou no primeiro dia em que a conheceu.

— Foi aqui que o meu avô trabalhou por muitos anos. E agora, graças ao nosso bom Deus, ele retornou ao seu ofício.

Renato caminha entre as mesas e visualiza as máquinas, incluindo a antiga máquina de escrever. Sobre uma mesa, vê dois exemplares do jornal São Camilo da Maré.

— Interessante. Vocês também receberam o jornal?

— Então, Renato. Além de darmos as boas-vindas nesse café que iremos tomar hoje com os meus avós, faremos outro convite, e esse é um dos motivos principais que fizeram com que a gente o convidasse hoje. Você quer falar, Camilo?

— Sim, Sandra. Serei bem direto — Crispim encosta numa das paredes e cruza os braços. Ele olha para o trio e já sabe do que se trata. — Somos nós que produzimos o jornal São Camilo da Maré. Fui eu que tirei as fotos que estão nele, incluindo a sua com o Alemão — Renato fica sem ação e apenas olha para Camilo. — Esse jornal é muito importante para nós e será também para a nossa escola e comunidade, pois, como pôde notar, fizemos muitas denúncias nele, além das informações culturais que agregam. Você aceita fazer parte do nosso time?

— Eu... eu não sei... No que eu poderia ajudar?

— Você poderia ajudar com as matérias e fotos e, quem sabe, até na distribuição. Nós queremos mudanças e melhorias que beneficiarão a todos. A única coisa que pedimos é que seja discreto. Não queremos que mais ninguém saiba que somos nós que fazemos o jornal, pois tememos por represálias — Sandra é persuasiva e dificilmente alguém recusaria um convite seu.

— Aceito, claro. Podem contar comigo. E morre aqui o que conversamos.

Ambos ficam felizes. O jornal está começando a enraizar e, logo depois do café, descerão novamente até à gráfica e iniciarão a próxima edição, incluindo a matéria que denunciará o motorista que atropelou e fugiu sem prestar socorro, causando a morte da senhora. Já a primeira missão de Renato será elaborar uma matéria sobre os constantes assaltos no mercadinho do seu

Manuel. Ele irá fazer um panorama dos assaltos no comércio de São Camilo da Maré.

## Feitos e Efeitos

— Aí está a segunda edição do jornal, pessoal — diz Crispim, enquanto distribui um exemplar para cada um dos membros.

— Ficou ótima. E veja na última página a biografia do engenheiro e abolicionista André Rebouças — Camilo mostra a página para Renato.

— Foi ótima a ideia de publicar essas biografias nas edições, assim poderemos saber mais sobre a nossa história e das pessoas que lutaram por um Brasil melhor.

Sandra prefere sentar e ler as matérias com mais calma, enquanto Crispim ajeita a bancada principal da gráfica. Ele coloca os seus livros inacabados sobre uma pequena palete, no chão. Depois passa por um altar que está no fundo da sala e faz saudação aos orixás. Camilo apenas observa.

— Eu gostaria de ajudar na distribuição do jornal hoje à noite, Camilo — diz Renato.

— Você tem uma bicicleta e uma touca ninja?

### **Dia seguinte. Madrugada.**

Pelo celular, Camilo orienta mais uma vez o amigo e passa todas as diretrizes da distribuição, inclusive o cuidado para não ser reconhecido. A sua entrega será realizada em alguns comércios do Centro Comercial e em ruas próximas. Camilo irá entregar nas mesmas ruas – nas quais entregou anteriormente; só que, como a tiragem agora é maior, entregará em mais ruas. No final, deixará uma quantidade de exemplares na porta da escola.

Exatamente 1 hora da manhã, Renato e Camilo saem das suas casas. Camilo passa velozmente pelas ruas e agora, com muito mais prática, vai jogando o jornal de porta em porta. Renato é vagaroso, mas faz o seu trabalho. Seu coração parece que vai sair pela boca, pois nunca saiu sozinho à noite, ainda mais sem os pais saberem. Mas é por uma boa causa.

Camilo faz toda a entrega desta primeira leva, retorna para casa e abastece novamente a sua mochila. Desta vez vai em ruas novas. Passa por biqueiras e bandidos. Alguns bares estão abertos e bêbados cambaleiam pelas ruas. Camilo desvia de todos. Com o calor, sente vontade de tirar a touca, mas sabe

que não pode fazer isso, terá que suportar por mais alguns minutos. Por fim, chega à porta da escola e deixa os exemplares no mesmo local da vez anterior. Mas algo inusitado acontece: um fusca estacionado na rua e bem próximo à entrada do colégio acende os faróis. Camilo coloca as mãos sobre os olhos, depois tenta identificar quem está no volante do veículo. A porta do automóvel range ao ser aberta e uma perna robusta sai de dentro dele, depois o braço e, em seguida, o corpo. É uma mulher. A inspetora Maria.

Camilo fica em choque. Ela caminha decidida em sua direção. E como num pesadelo, do qual não conseguimos acordar, Camilo não consegue se mover. Os olhos arregalados, Maria cada vez mais próxima. Próxima. Até ficar em sua frente a um passo de distância.

— Então é você que deixa os jornais aqui na porta da escola? Vamos ver quem você é... — Maria puxa a touca ninja na mesma velocidade que Camilo retoma suas forças para fugir pedalando. Ela ficou com a touca na mão, mas, por sorte, não conseguiu identificar o entregador.

Camilo pedala desesperadamente, pois agora está desprotegido. Já entregou todos os exemplares, mas teme encontrar alguém na rua que possa ligar os fatos e descobrir que ele está envolvido no jornal.

Ao longe avista o grupo de jovens usando drogas. Ele puxa a gola da camisa e cobre metade do rosto. Um deles olha para Camilo, que também o reconhece. É um dos seus vizinhos. Eles se olham, mas, logo em seguida, o jovem tomba para o lado. Efeito da droga.

Já em sua garagem, encosta a bicicleta e pula a janela do quarto. A madrugada poderia ter acabado aí, pois apesar dos acontecimentos, tudo ocorreu como planejado. Mas agora tinha que enfrentar um sério problema. O pior que ocorreu desde que saiu para entregar os jornais.

Ao acender a luz do quarto, vê alguém parado em pé em sua porta: Tereza, a sua mãe.

— Camilo Rodrigues de Oliveira dos Santos, você vai ter que me dar uma boa explicação — Camilo sua frio, pois pouquíssimas vezes em sua vida ouviu a mãe pronunciar o seu nome e sobrenome. — Vamos, estou esperando...

— Mãe, a senhora está acordada?

— O que você acha? Não estou aqui na sua frente falando com você? Por acaso o senhor anda fazendo coisas erradas na rua? Só pode, não é? Ninguém sai escondido assim de casa e de madrugada para fazer coisas certas.

— A senhora tem razão, saí escondido mesmo, mas por receio... — Camilo olha para o chão, enquanto pensa numa boa desculpa.

— E que razão é essa?

— Eu... eu estou namorando, mãe. É isso, estou namorando — finalmente olha para os olhos da mãe, mas não a encara por muito tempo.

— E isso é razão para sair pulando a janela de madrugada? Quem é ela, eu conheço? Espero que ela não seja casada e tenha filhos. Isso eu não aceitaria, jamais.

— Não, mãe. Ela é solteira e não tem filhos. Tem a minha idade e a senhora a conhece.

— É a Sandra?

— Sim, mãe, a senhora descobriu, é ela — Camilo gostaria que isso fosse verdade, mas o que tem com a Sandra é uma leve paquera, nada mais do que isso, por enquanto.

— Meu filho está se tornando adulto... Só não faça mais isso de sair escondido sem me avisar, ainda mais de madrugada. Você já viu como está lá fora a essa hora? Pessoas usando drogas, roubando e bebendo nos bares, gente que não tem compromisso. Não quero você nesse meio. Os pais dela já sabem?

— É... não, ainda não.

— Vocês já estão... estão... Bom, você sabe o que eu quero dizer, né?

— Não, mãe. Ainda não — Camilo fica pálido.

— Bom, mas como você não tem pai, tenho que falar isso para você, pois se fizer, use preservativo, vocês são muito novos ainda para terem filhos. Primeiro tem que estudar e arrumar um bom emprego, e depois que casarem e tiverem morando juntos, aí sim poderão pensar nisso.

Tereza abraça o filho, depois o olha com ternura. Dá um beijo em sua testa e vai dormir, pois em três horas terá que estar em pé novamente para ir trabalhar.

Camilo não gosta de mentir, mas, desta vez, teve que fazer isso. Terá que conversar com a Sandra, pois certamente Tereza conversará com ela. Mas não será difícil de resolver.

## Mesmo dia, 13 horas.

Camilo e Sandra observam um carro da polícia fazendo ronda em frente à escola; mais abaixo, um carro da prefeitura. Dois homens uniformizados e com capacetes de proteção fazem anotações. Eles olham para a rua de ponta a ponta.

— Certamente efeito do nosso jornal – diz Sandra, sorrindo.

— Eu também acredito nisso. E aproveitando o assunto sobre o jornal, antes que entremos na escola, tenho que dizer que, ao terminar a entrega do jornal hoje de madrugada, quando pulei a janela do meu quarto, a minha mãe estava lá de prontidão.

— O quê? Então ela descobriu tudo?

— Não, não deixei que descobrisse. Mentí. Disse que tinha saído para namorar.

— Sêrio? Não acredito... — Sandra sorri. — E quem você disse que está namorando?

— Você — Camilo foi direto.

— Eu?

— Sim, você. E não desminta, pois tenho certeza que a minha mãe perguntará para você sobre o namoro.

— Tá, pode deixar. Imagina, namorando... — Sandra olha para baixo, depois cruza os braços.

Camilo percebe o desapontamento da amiga, mas não sabe o real motivo, se ela ficou assim por ele ter mentido. Se ficou chateada por não existir nenhuma possibilidade entre eles ou se realmente pode existir alguma chance de eles namorarem num futuro bem próximo.

Eles entram no colégio e, logo na entrada, Camilo vê Maria. Ele nota uma parte da sua touca num dos bolsos de seu jaleco. A inspetora encara um por um dos alunos que passam por ela, inclusive as garotas. Alguns ela para e olha bem dentro dos olhos. Camilo teme que ela o reconheça. Sandra passa direto por ela, mas ele, não.

— Me dá um segundo, Camilo — Maria vira e cochicha no ouvido da diretora que está ao seu lado. Camilo sente o sangue congelar. Ambas olham para ele.

*Fui descoberto, pensa Camilo.*

— Pode ir, garoto. Será difícil saber quem foi... — diz Maria. A diretora consente.

Aliviado, Camilo vai para sua sala e, logo em seguida, um homem e uma mulher entram e anunciam que irão fazer uma breve palestra sobre a violência e o *bullying* nas escolas, além de citarem trechos do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, também distribuirão informativos para cada um dos alunos.

Eles estão com um dos exemplares do jornal São Camilo da Maré nas mãos.

— Essa é a primeira vez que fazemos essa palestra nessa escola. Durante essa semana, passaremos por todas as salas e em todos os períodos. Agradeçam ao jornal São Camilo da Maré, pois foi por meio dele que conseguimos chegar até aqui.

Os olhos de Camilo brilham. Renato olha para o lado e sorri. Ambos agora têm certeza do poder da mídia e das palavras, pois ela pode transformar e trazer benfeitorias.

E não foi somente a palestra que o jornal trouxe até à escola, mas também uma manutenção diária no colégio, assim como melhoria na merenda escolar. A faixa de pedestres e outras sinalizações em frente à escola também se deveram ao jornal São Camilo da Maré.

### **Mesmo dia, 17h45.**

A sirene é acionada. Os alunos saem das salas. Camilo e Renato vão até o banheiro a fim de lavarem o rosto, pois o calor está insuportável.

Mas eles não ficam a sós por muito tempo. Alemão e seu grupo entram logo atrás e, para a surpresa de Camilo e mesmo depois da palestra que tiveram mais cedo, a violência e o *bullying* continuaram.

Só que desta vez foi pior.

— Ei, neguinho e branco. Bela combinação essa, né, turma? — o grupo cai na gargalhada, mas é interrompido por Camilo.

— Tudo o que foi dito hoje, o informativo que vocês receberam e o jornal São Camilo da Maré, não serviram para nada? — Camilo sente uma coragem que nunca sentiu antes.

— Olha o que eu faço com esse jornal e informativo que recebi hoje — Alemão rasga e amassa os impressos, depois pisa sobre eles. — E você está muito



saidinho para o meu gosto. Olha o que eu faço com gente assim como você — Alemão levanta um canto da camiseta, retira uma faca e encosta no abdome de Camilo.

Renato surpreende a todos e agilmente segura o braço do Alemão, mas é empurrado por ele com violência, cai e quebra uma das alças dos seus óculos.

— Isso é só um pequeno aviso para vocês. Não banquem os espertos com a gente, pois na próxima cês vão bater as botas.

O grupo sai do banheiro. Camilo dá a mão para erguer Renato, que retira os óculos quebrados e força a vista para enxergar.

— Vamos passar amanhã lá na ótica do Centro Comercial para consertar essa armação. Ainda bem que não quebrou a lente. O que tenho aqui acredito que dá para pagar — Camilo abraça Renato. — E muito obrigado pelo que fez hoje. De certa forma você foi louco. Louco e corajoso. Nunca esquecerei isso.

Os dois amigos saem do banheiro. Camilo não está tão nervoso. Foi ameaçado, mas já tinha sido antes, embora hoje eles tenham ido longe demais.

# Asfalto

— Filho, vem assistir a tevê — grita Tereza da sala.

— Agora não dá, mãe, estou ocupado escrevendo.

— Vem logo, é algo importante. Você vai gostar.

Camilo vai até à sala e vê a mãe assistindo o programa *Alcance da Cidade*, com Tony Rocha. Ele está em São Camilo da Maré, próximo ao colégio Emília Brandão.

Tereza aumenta o volume da tevê:

*Estamos ao vivo na Rua Força e Fé acompanhando o trabalho que a prefeitura está fazendo. Nessa primeira etapa, será iniciado o asfaltamento em cerca de setenta por cento das ruas de São Camilo da Maré. A estimativa é asfaltar cem por cento até o próximo ano. Por enquanto, eram somente asfaltadas as ruas em torno do Centro Comercial, o que também impossibilitava o transporte público em subir o morro. Com o asfalto na maioria das ruas, o prefeito diz que em poucos dias São Camilo da Maré terá a sua primeira linha de ônibus rodando. Ele também disse que vai dobrar o policiamento nas ruas residenciais e no comércio e que um posto de saúde já está nos planos. O posto de saúde mais próximo daqui fica na cidade vizinha em São Teodoro. Cogitam até que, em menos de um ano, uma conhecida indústria têxtil se mudará para o bairro e abrirá centenas de vagas de emprego.*

*E tudo isso teve início após a publicação desse jornal que está em minhas mãos. Jornal São Camilo da Maré. Basta saber quem o produziu. Quem foi ou foram os anjos que escreveram essas matérias e tirou essas fotos que estão mudando tão rapidamente o cenário deste bairro, que muitos acreditavam ter sido esquecido por Deus, como disse essa senhora de 72 anos, que mora aqui desde 1978. O que a senhora acha dessas mudanças no bairro? Acha que vai gerar emprego para os moradores? Vai melhorar a qualidade de vida?*

— *Acho que vai melhorar, sim. Com ônibus rodando poderei ir até o Centro Comercial todos os dias e, quem sabe, até arrumar um namorado por lá.*

*É isso aí, dona Gumercinda. E o senhor, o que acha das mudanças que estão acontecendo aqui no bairro?*

— *Bom, são mudanças que agregarão valor ao nosso bairro. A gente tava precisando muito disso aqui. Com o asfalto e transporte público poderemos*

*chegar mais rápido no trabalho. Só falta a questão do tráfico de drogas. Tem que acabar com isso aqui. Sabe, a gente tem medo de sair à noite.*

*Sim, sim, essa é outra questão que ainda não mencionei. O prefeito disse que também estão nos planos um centro de recuperação para viciados e que todos eles receberão apoio, como psicológico e até psicopedagógico, até financeiro com uma bolsa-auxílio aos que voltarem a estudar ou mesmo fazer um curso profissionalizante.*

*A gente vai, mas já volta com mais notícias sobre São Camilo da Maré. Agora fiquem com os nossos patrocinadores.*

Camilo ouve um som incessante de caminhões e pessoas falando na rua. Abre a cortina da sala e vê homens trabalhando. Estão preparando a rua para asfaltá-la. Dona Tereza vem logo atrás para ver o que está acontecendo.

— Meu São Camilo da Maré. Muito obrigada... Isso valorizará muito o nosso bairro. Eu ando tanto nessas ruas esburacadas e de terra para chegar até o Centro Comercial para pegar um ônibus...

— Sim, mãe. As coisas vão melhorar pra gente.

— E graças a esse jornal que o pessoal está falando, né? Jornal São Camilo da Maré. Que Deus ajude e proteja quem o criou e trabalha nele.

Camilo disfarça e vai para o quarto. Pega o celular e manda uma mensagem para Sandra e Renato.

#### **De [Camilo] para [Sandra] e [Renato]:**

*Oi, pessoal. Adivinhem quem está novamente em São Camilo da Maré? O Tony Rocha. Ele está fazendo uma cobertura sobre o trabalho da prefeitura asfaltando as ruas. A gente não pode deixar essa notícia do asfalto de fora da nossa próxima edição, pois foi por causa das nossas denúncias que as ruas estão sendo asfaltadas. Vou até algumas ruas e irei tirar fotos do pessoal trabalhando e colocando a mão na massa. Se puderem, por favor, já vão pensando no que escrever na matéria. Forte abraço.*

Camilo inventa uma desculpa para a mãe, diz que tem um trabalho para fazer na casa do novo amigo Renato. Tereza está de folga, pois nem todos os dias faz bico de faxina. Ela espera conseguir um trabalho fixo. Oportunidade que poderá obter com mais facilidade após as mudanças em seu bairro, pois facilitará o crescimento do comércio e, consecutivamente, gerar mais emprego.

Já na rua e sem medo, pois não vai precisar usar touca para não ser reconhecido, devido a outras pessoas também estarem tirando fotos e filmando as ruas sendo asfaltadas, Camilo inicia a sessão de fotos.

Várias pessoas estão nas calçadas. As crianças se divertem assistindo a todo o processo de caminhões e homens trabalhando. Camilo não perde tempo e tira as melhores fotos. Ele já tem estilo próprio na arte de fotografar, algo que um observador que ama fotos notaria sem muito esforço.

Na aglomeração, Camilo não nota uma pessoa o observando atentamente: Tony Rocha. O repórter o observa fotografando com o celular, depois olha para os locais que estão sendo fotografados. Nas mãos ele tem a última edição do jornal São Camilo da Maré. Ele abre e visualiza as fotos, olha atentamente para Camilo, depois novamente para as fotos.

Tony põe a mão no queixo, cerra os olhos e balança vagarosamente a cabeça para cima e para baixo.

# Todos estão estranhos

## Manhã de domingo

Camilo levanta e não sente o costumeiro cheirinho de café que a sua mãe prepara nas manhãs de domingo, também não ouve o barulho das panelas e louças. Vai até à cozinha e ela não está lá. Também não está no banheiro, sala e nem em seu quarto. Não está na casa.

*É provável que ela tenha ido na feira ou na padaria*, pensa Camilo, que, logo em seguida, verifica o celular, mas não recebeu nenhuma mensagem de Sandra ou Renato.

Quando Camilo não acorda com a amiga ligando, pelo menos uma mensagem de “bom dia” ela envia, pois acorda cedo todos os dias, inclusive aos finais de semana. Pode ser que tenha ido dormir tarde e acabou quebrando o protocolo de acordar cedo. E se essa opção estiver correta, acha melhor nem ligar.

O dia está ensolarado e acha propício para pintar novamente a sua bicicleta, desta vez na cor azul, pois tem que variar, para não ser reconhecido na distribuição dos jornais.

Resolve ligar para Renato e convidá-lo para um bate-papo, enquanto pinta a bicicleta, mas as ligações estão caindo diretamente na caixa postal. Então telefona para o seu telefone fixo.

— Alô, pois não?

— Renato?

— Não, aqui é o pai dele. Quem gostaria?

— Eu sou Camilo, amigo do colégio. Por favor, poderia chamá-lo?

— Ele saiu bem cedo. Disse que tinha uns assuntos importantes para resolver. Mas avisarei que você ligou assim que ele retornar.

— Entendi... Bom, obrigado. Tenha um bom dia.

Desapontado, Camilo não desiste e vai pintar a bicicleta. Faz o trabalho rapidamente, pois já tem prática. E como não gosta de ficar parado, resolve limpar a casa para ajudar a mãe: tira o pó da estante, varre o chão e passa um pano úmido com desinfetante. Depois limpa o banheiro. Cansado, verifica que já é tarde e a mãe ainda não chegou, descartando a possibilidade de ela ter ido

à feira ou padaria. E acha bem difícil ela ter ido fazer um bico no domingo, pois nunca fez isso antes.

*Pode ser que ela tenha ido na casa de uma amiga*, pensa Camilo. Então resolve rever as matérias e fotos para a edição de nº 3 do jornal São Camilo da Maré.

A sua escrita está evoluindo. Os títulos das matérias estão mais chamativos. Olha para o celular e sente uma vontade imensa de ligar para Sandra. Por um momento pensa em esperar que ela ligue primeiro, mas, logo a seguir, desiste da ideia, não de ligar, mas de esperar.

Tenta uma. Duas vezes. Assim como aconteceu com Renato, as ligações também caem na caixa postal. Ele começa a achar tudo isso muito estranho. Então resolve ligar do telefone fixo.

— Alô!

— Alô, bom dia, dona Suzy, aqui é o Camilo. Tudo bem com a senhora?

— Oi, querido, tudo bem e você?

— Tudo ótimo. Eu poderia falar com a Sandra?

— Ah, a Sandra? Ela... ela saiu bem cedo.

— É mesmo? Desculpe pela pergunta, mas ela disse para onde iria? — Camilo tenta não ser inconveniente, mas tinha que saber onde a amiga estava.

— Ela não disse, mas pode ser que tenha ido para a casa dos seus avós. Ela gosta de ir até lá nos finais de semana.

— É verdade, pode ser mesmo que ela tenha ido até lá. Bom, muito obrigado.

— Por nada. Beijos.

Camilo fica pensativo, pois se Sandra fosse realmente até à casa dos seus avós, avisaria e ele iria junto para resolver os assuntos da próxima edição do jornal.

Camilo pensa em algumas possibilidades, entre elas a de que ela poderia ter ido à casa de uma amiga ou mesmo até o Centro Comercial.

Então resolve se trocar e sai a pé, pois a tinta da bicicleta ainda está úmida. O olhar atento. Pode ser que encontre Renato, Sandra ou mesmo a sua mãe nas ruas de São Camilo da Maré.

Vê o mercadinho do seu Manuel e resolve ir perguntar se a sua mãe esteve por lá.

— Bom dia, seu Manuel, tudo bem?

— Tudo bem, *gárotu*. O que tu queres? Doces, salgados. Papel higiênico... O macarrão hoje está baratinho. Leva pra sua mãe.

— Hoje não vim comprar nada, mas pelo visto ela não veio aqui hoje, não é?

— Não, ela não esteve aqui — Seu Manuel é um português de estatura baixa, barbado e calvo. Sempre está com uma caneta atrás da orelha.

Camilo aproveita para perguntar sobre o último assalto que ocorreu no estabelecimento, e seu Manuel diz que a câmera, apesar do tiro que levou, não foi totalmente danificada e acabou fazendo a filmagem do assalto. Ela captou o momento em que os ladrões vieram da rua e entraram no mercado. Um deles colocou o capuz bem nesse momento e seu rosto ficou à mostra. A filmagem já está na delegacia, com os investigadores.

— Que ótimo, seu Manuel. E já sabe quem foram? Conseguiram identificá-los?

— Ainda não, perguntei ontem mesmo ao delegado, mas ele disse que estão investigando.

— Eu sei que a polícia já está trabalhando no caso, mas será que eu poderia dar uma olhada na filmagem?

Seu Manuel fica pensativo, mas deixa Camilo olhar a filmagem numa tevê que fica numa pequena sala no fundo do estabelecimento – afinal, conhece Tereza desde que estava gestante de Camilo e tem afeição por ambos.

— Está aí, filho. Olha só o rosto desse miserável. E tenho certeza que foram os mesmos dos assaltos anteriores, pois as vozes e a forma de agirem são inconfundíveis. Eles são muito agressivos — Manuel pausa o vídeo antes de o assaltante colocar o capuz, bem no momento em que está prestes a entrar no estabelecimento.

— Deus do céu. Sei quem é, conheço ele... — Camilo fica perplexo ao identificar o assaltante.

— É amigo seu? Se for, não quero confusão.

— Não, muito pelo contrário — Camilo está com as mãos trêmulas, os olhos arregalados.

— Então quem é, diga. Temos que ligar logo e avisar a polícia.

— O apelido dele é Alemão, e os outros são provavelmente a sua turma. O Alemão é aluno do colégio Emília Brandão, o mesmo em que estudo. Ele causa o terror lá e certamente a direção tem o endereço dele, assim como dos outros

membros da gangue. Mas, por favor, não diga que fui eu que o identifiquei. Por favor.

— Certo, filho. Muito obrigado pela colaboração. Pode ficar tranquilo que protegerei você. Direi que a pessoa que identificou o ladrão quer guardar sigilo sobre sua identidade. Com essa informação que você deu, vai ser fácil e eles irão ver que é realmente esse tal de Alemão o autor do assalto. E para compensá-lo, depois levarei uma cestinha de produtos para sua mãe.

— Não precisa, seu Manuel. Sei muito bem o prejuízo que o senhor teve com esses assaltos. E fico feliz em poder colaborar identificando esse miserável. Espero que o encontrem logo e que fique atrás das grades por muito tempo.

— Uma cestinha é o mínimo que posso fazer e farei de coração. Gosto muito da sua mãe. Mas, pelo visto, o ladrão parece ser menor de idade, enquadrando-se como menor infrator. Estamos no Brasil: se for pego, ele ficará pouco tempo fora das ruas. Será internado por alguns anos num estabelecimento educacional.

— Sim, um menor de idade não pode responder por si e pode ser facilmente persuadido, mas ficaremos livres dele por alguns anos. E quem sabe ele volte melhor. Assim espero.

— É verdade. Bom, ligarei agora mesmo para a delegacia e passarei as informações ao investigador que está cuidando do caso, aí eles tomarão as medidas necessárias. E mais uma vez o meu muito obrigado. Vai com Deus, filho. E tome cuidado com esse tal Alemão, pois ele ainda está nas ruas.

Camilo sai do mercadinho feliz por ter ajudado seu Manuel e também por saber que pode se livrar daquele que o oprime todos os dias. Mas também está triste, pois sabe que o Alemão deve ter uma família e que, muitas vezes, as condições financeiras e as más influências podem levar aos piores caminhos. Reflete por alguns minutos, enquanto caminha em algumas ruas já asfaltadas, outras ainda com pedregulhos. Assim como Alemão, ele também mora em São Camilo da Maré, mas não tem pai e nem irmãos. Apenas a mãe sustenta a casa e ultimamente está desempregada, apenas fazendo alguns bicos como faxineira. Mesmo assim, Camilo faz o possível para tentar melhorar a situação da sua comunidade, assim como Sandra e Renato. Sabe que nem todos pensam igual e também não sabe o que realmente levou o Alemão a chegar ao ponto de agredir e ameaçar alunos na escola, chegando ao ápice quando o ameaçou com uma faca. E agora está assaltando estabelecimentos.

A lei precisa freá-lo para que tenha uma educação mais enérgica.

Os pensamentos vagueiam até chegar ao Centro Comercial. Ele procura pelos amigos, olha para todos os lados. A movimentação está grande, mas não de consumidores, pois as lojas estão vazias. As pessoas apenas passeiam,



algumas olham as vitrines, outras namoram na pracinha. E Camilo acaba encontrando o que não queria encontrar: Alemão e sua turma. Desta vez fica mais nervoso, pois sabe que são realmente perigosos.

— Passeando sozinho, neguinho? Perdeu a namorada, foi? — Alemão mostra os dentes, enquanto os amigos cruzam os braços e encaram Camilo.

Mas Camilo não dá atenção e continua caminhando.

— E se eu fosse você, não iria por aí, não. Pois terá uma grande surpresa. Na realidade, uma grande decepção — todos caem na gargalhada.

Camilo não muda o trajeto e segue em frente. Poderia ser qualquer coisa. Pensa em retornar, esquecer tudo e não dar esse gostinho ao Alemão e sua gangue. Mas algo lá no fundo quer saber o que é. Ele caminha a passos lentos, observa e tenta encontrar algo diferente, até ver Sandra na porta de uma loja e, instantaneamente, fica feliz por tê-la encontrado. Mas percebe que ela não está só, e sim acompanhada e muito feliz ao lado de um rapaz: Renato.

Sente as pernas congelarem. Vê Sandra pegar na mão de Renato. Não ouve nem as gargalhadas dos seus algozes. Os olhos lacrimejam, pois se eles nem sequer comentaram com ele que viriam juntos ao Centro Comercial, é porque provavelmente estão namorando.

Camilo sente que não tem mais o que fazer ali. Retorna e passa novamente pelo Alemão. Para em sua frente, olha bem em seus olhos e pensa: *logo estarei livre de você*. E vai embora.

# Surpresa

## Domingo. Noite.

— Camilo, sai do quarto. Já é noite. Desde que cheguei da casa da minha amiga que não o vejo. Preciso que você vá até o mercadinho do seu Manuel comprar umas coisinhas.

Camilo demora a sair, mas sai e vai arrastando os pés até sua mãe.

— Que coragem é essa, menino? E por que está com essa cara inchada? Dormiu a tarde inteira, foi? Aqui está a lista do que preciso e o dinheiro, mas antes vai lavar esse rosto e trocar essa camisa amassada. Ah, e diga para o seu Manuel que mando lembranças.

— Tá! — Camilo sai sem lavar o rosto, trocar a camisa ou mesmo pentear os cabelos e vai ao mercadinho.

— Boa noite, como vai, *gárotu*. E tua mãe, tudo bem com ela? — pergunta seu Manuel.

— Ela vai bem. Mandou lembranças para o senhor.

Seu Manuel abre um grande sorriso. E pela primeira vez Camilo percebe que existe algo a mais nisso. Ele é viúvo e sempre pergunta sobre a sua mãe. Pode ser que tenha apenas afeição por ela, mas ele sabe que, na maioria das vezes, as coisas não são tão simples assim. A sua mãe ainda é jovem e não chegou nem aos quarenta anos. Seu Manuel tem mais idade, mas é um senhor bem elegante. Mas não acharia ruim se a sua mãe encontrasse um amor bom e verdadeiro. E o português parece ser uma boa pessoa.

— Minha mãe pediu para comprar esses itens da lista.

— Certo. Passa a lista pra cá que, pois, desta vez, será cortesia da casa. Ah, e antes que me esqueça, liguei na delegacia e passei as informações sobre o Alemão. Duas horas depois, o investigador retornou, dizendo que já tinha todas as informações necessárias sobre ele, inclusive confirmou que foi realmente ele um dos assaltantes e o principal mandante. Tudo já está armado. Eles pegarão ele e sua turma amanhã, durante a entrada na escola. Tome cuidado, filho.

— Finalmente uma boa notícia.

— Dia ruim?

— Sim, muito ruim. Perdi minha garota para um amigo...

— Sêrio? Por acaso seria a garota que está sempre com você, a Sandra?

— Ela mesma, seu Manuel. Bom, na realidade ainda não sou namorado dela, sabe? Mas sinto como se já fôssemos namorados. Sou um grande amigo dela, isso desde a infância. Mas agora... perdi as esperanças.

— Oras, não pode perder as esperanças. E se tu gosta realmente dela, tem que se declarar. Se tem vergonha, tem que perdê-la logo, senão será a tua garota que você perderá. Corra atrás do seu sonho.

Camilo se sente melhor com as palavras do seu Manuel. Pega o pacote com os itens que a sua mãe pediu e retorna para casa com alguma esperança.

Chega em casa e empurra a porta que estava encostada. Não se recorda de tê-la deixado assim. Nota que as luzes estão apagadas e sente dificuldade em encontrar o interruptor para acendê-la, ainda mais segurando o pacote das compras.

— FELIZ ANIVERSÁRIO, CAMILO! — As luzes são acesas e, para a sua surpresa, todos estão ali: Sandra, Renato, Ana, Crispim e sua mãe com um bolo decorado nas mãos.

— E não pode faltar o amigo aqui — Seu Manuel acaba de entrar com uma garrafa de refrigerante e um presente nas mãos.

Camilo deixa as compras caírem. Jamais poderia imaginar que eles tinham armado essa surpresa. Até o seu Manuel sabia de tudo.

— Parabéns, meu filho. Que Deus lhe dê muita saúde, paz e sabedoria — Tereza dá um beijo no rosto do filho e um presente.

— Esse presente foi comprado por mim e Renato — Sandra dá um beijo no amigo, e Renato um abraço apertado.

— Eu, eu... Se soubesse que teria uma festa teria pelo menos me arrumado.

— Não precisa, filho. O que queremos é lhe ver bem. Este é o meu presente para você e o bolo decorado nas mãos da sua mãe foi a Ana que fez — Crispim dá uma caixa grande e pesada para Camilo.

Os presentes são abertos, um a um.

Tereza deu um par de tênis. Sandra e Renato, uma camisa e um boné. Mas o que mais surpreendeu Camilo foi o presente de Crispim. Quando a caixa foi aberta, seus olhos brilharam. Ficou sem reação, como que se ganhasse algo completamente impossível ou inesperado. A máquina de escrever.

— Mas... essa máquina foi um presente que o senhor ganhou do seu pai — diz Camilo para Crispim.

— Sim, mas não será minha eternamente. Um dia não estarei mais aqui, então prefiro repassá-la para uma pessoa que cuidará bem dela, assim como cuidei durante todos esses anos.

— O senhor pode ter certeza que cuidarei muito bem dela.

E, por último, o presente do seu Manuel. Camilo abre a caixa, mas, para espanto de todos, está vazia.

— Eu... acho que o senhor esqueceu de colocar o presente dentro da caixa — diz Camilo acanhado.

— Não coloquei na caixa porque não teria como colocá-lo aí dentro. Na realidade, não é um presente físico.

Todos olham para o seu Manuel com ar de interrogação e aguardam ansiosos pelo desfecho.

— Gostaria de fazer uma proposta de emprego para você. Estou precisando de uma pessoa para trabalhar meio período lá no mercadinho. Você entraria como menor aprendiz.

Tereza olha para Camilo e o filho sabe que a mãe não quer que ele trabalhe até concluir seus estudos, mas ele também sabe que precisa ajudá-la. Além disso, já conhece o seu Manuel, o trabalho será próximo de casa e somente meio período, sua rotina não será alterada.

— Aceito, claro. Agradeço muito pela confiança, seu Manuel. Qual a opinião da senhora, mãe?

— Você sabe qual é minha opinião sobre isso, mas fico feliz por você estar amadurecendo; além disso, sei que será um trabalho honesto. Se é isso o que você deseja, pode ter certeza que apoiarei — Tereza abraça o filho e agradece o convite ao seu Manuel.

A noite está sendo bem proveitosa. Enquanto Ana serve os doces e salgados, Camilo coloca a conversa em dia com Crispim; depois, mesmo ainda chateado, conversa com Sandra e Renato e descobre que não estão namorando. Eles combinaram de ir ao Centro Comercial apenas para comprarem os presentes do seu aniversário. Tereza e Manuel conversam descontraidamente e Camilo nota o semblante feliz de ambos.

Foi o melhor aniversário da sua vida.

# O dia do Alemão

## Segunda-feira. Tarde.

Sandra e Camilo se encontram com Renato na porta da escola. Faltam dez minutos para o portão ser aberto. Em meio à aglomeração dos alunos, alguns homens nunca vistos antes nas redondezas estão andando de um lado ao outro com olhos atentos.

Camilo sabe quem são e está ansioso e com o celular na mão, pronto para tirar fotos.

Ao longe, vê Alemão e sua turma passarem pelos alunos, que abrem caminho. Camilo dá um toque aos amigos e avisa que dentro de alguns segundos eles testemunharão a lei em ação.

— Ei, neguinho. Voltou com a namoradinha? E o brancoso, como fica nessa? Se bem que essa gatinha poderia ficar é comigo.

Alemão puxa Sandra pelo braço e tenta beijá-la à força. Ela o empurra e o deixa furioso. Ele levanta o braço, pronto para desferir um golpe, mas é impedido por Camilo, que fica entre os dois, momento em que o portão da escola é aberto pela inspetora e, tanto ela – como a diretora, que também chega para recepcionar os alunos – assistem a tudo.

— O quê, cê vai querer me enfrentar? Já estou cansado de ver a sua cara feia aqui na escola. Olha o que eu faço com pessoas como você — Alemão tira um revólver da mochila e aponta para a testa de Camilo.

Os alunos saem correndo. Sandra dá um passo para trás, mas se desequilibra e cai. Renato se afasta, mas pega o celular, tira fotos e, em seguida, grava a cena. Alemão olha fixamente para os olhos de Camilo, ambos não piscam.

Tony Rocha e sua equipe de reportagem passam pelo local para continuarem as filmagens das ruas sendo asfaltadas e se deparam com a cena. Tony e o câmara descem do carro e começam a filmar.

Alemão está pronto para apertar o gatilho. O suor escorre pela testa de Camilo.

— Polícia! Largue a arma e levante as mãos, Alemão — um dos policiais que estavam de tocaia aponta a arma para Alemão, os outros três também apontam suas armas e fazem um cerco. Três viaturas da polícia chegam à rua e vários policiais descem dos carros.

Alemão está surpreso, mesmo assim continua segurando a arma na mesma posição.

— Não faça besteira, filho, largue a arma, eles vão atirar em você — grita aflita a inspetora Maria.

São longos e demorados segundos, mas Alemão cede e larga a arma. Os policiais correm, afastam Camilo e Sandra e seguram o agressor. Tony corre com o microfone na mão.

— Aqui é o repórter Tony Rocha e estamos ao vivo em frente ao colégio Emília Brandão, em São Camilo da Maré. Estávamos passando por aqui e nos deparamos com essa cena de violência. Parece que esse jovem agrediu essa moça que está em prantos e depois apontou a arma para esse rapaz. O que você tem a dizer? Por que fez isso? — Tony aproxima o microfone próximo ao Alemão.

— Não tenho nada a declarar.

Vendo que Alemão está irredutível, resolve entrevistar Sandra.

— Foi tudo muito de repente. Ele chegou e começou a falar besteiras para o meu amigo. Depois me puxou pelo braço e tentou me beijar, mas Camilo não deixou, foi aí que ele tirou uma arma da mochila. Eu fiquei desesperada, nunca presenciei algo assim tão de perto... — Sandra chora e é aparada pela diretora.

Tony entrevista um dos policiais.

— O meliante é perigoso. Além do que aconteceu hoje, ele e sua gangue já estavam sendo procurados por roubos no comércio local. Vamos aguardar, mas por serem menores de idade, provavelmente serão encaminhados para um Centro de Ressocialização.

Todos os membros do grupo foram pegos pelos policiais. Alemão passa ao lado de Camilo com um policial.

— A justiça foi feita... — Camilo abraça os amigos.

E antes de a equipe de reportagem ir embora, Tony chama Camilo e fala discretamente em seu ouvido.

— Eu sei que você está envolvido no jornal São Camilo da Maré. Você é o autor daquelas fotos e provavelmente também de algumas matérias.

— Você está enganado, não tenho nada a ver com isso.

— Eu sei que você está envolvido, não tem como negar. Sei que vocês do jornal querem sigilo. Mas estou aqui para ajudar, pois sei a importância e o impacto que esse veículo de comunicação está tendo em São Camilo da Maré.

Podemos ampliar isso. Criar um site para o jornal e conseguir patrocinadores. Mas vocês terão que se revelar para o público. E não precisa dar a resposta agora. Fique com o meu cartão e pense sobre o assunto.

Tony coloca o seu cartão de visitas no bolso de Camilo e, em seguida, vai embora.

— O que ele queria com você, Camilo? — pergunta Sandra.

— Ele disse que quer ajudar, pois sabe que estou envolvido no jornal.

— E o que você vai fazer?

— No momento nada, mas depois vamos pensar sobre isso.

# Adeus

**Terça-feira. Manhã.**

Camilo desperta e verifica as horas. Sente o corpo dolorido. O tempo na entrega dos jornais aumentou, assim como a tiragem. Logo terá que pensar numa maneira mais fácil de fazer a distribuição, como deixar exemplares em pontos específicos para que os leitores possam pegá-los, assim como já faz na porta do colégio.

O celular vibra sobre o banquinho ao lado da cama. É Sandra.

— Oi, Sandra. Bom dia, como você está?

— Camilo, meu avô... — Sandra soluça e apresenta nervosismo no tom de voz.

— O que tem o seu avô?

— Estou aqui com a minha avó. Vem depressa pra cá. Eu... eu não estou me sentindo bem.

— Fique calma. Estarei aí em cinco minutos.

Camilo troca de roupa rapidamente e nem toma o café da manhã. Pega a sua bicicleta e nem se importa de alguém reconhecê-la e pedala velozmente entre as ruas, agora asfaltadas. Passa pelo mercadinho do seu Manuel, mas não tem tempo para conversar.

Logo está em frente à casa dos avós de Sandra e percebe uma movimentação de pessoas entrando e saindo. Camilo larga a bicicleta e passa por algumas pessoas em prantos. Na sala, vê Sandra chorando e sendo consolada por Suzy, sua mãe.

— O que está acontecendo aqui? Cadê os seus avós, Sandra? — Todas as lembranças que Camilo tem de Sandra são de uma garota feliz e sorridente. Nada parecia abalá-la, motivo de estranheza em hoje estar tão triste.

— Senta aqui ao lado da Sandra, filho — diz Suzy. — Minha mãe está lá no quarto. Mas o meu pai...

— O que tem o seu pai? O que aconteceu com o seu Crispim?

Os olhos de Suzy lacrimejam. Ela abraça forte a filha. Camilo tenta não pensar no pior, mas não precisa de palavras para compreender o que está acontecendo, mesmo assim tenta acreditar em outras hipóteses. Crispim pode estar doente ou mesmo pode ter caído e quebrado uma perna.



Camilo vai até o quarto dos avós de Sandra e vê algumas pessoas em volta da cama de casal. Ana está sentada ao lado de Crispim. Seus olhos estão fechados, suas mãos sobre o abdome e seus dedos entrelaçados.

— Ontem ele trabalhou na gráfica. Chegou até dizer que continuaria a produção do seu romance que estava parado desde a época em que a gráfica fechou. Depois que vocês saíram, nós conversamos muito. Recordamos dos velhos tempos, olhamos fotos antigas e algumas cartas que ele me enviava quando éramos jovens. Ele estava tão feliz... Deu boa-noite e um beijo em minha testa. Foi se deitar, dormiu e não acordou mais — Dona Ana enxuga as lágrimas com um lenço.

Camilo volta para a sala e encontra Renato, que já sabe da triste notícia. Sente-se como que se não tivesse mais chão. Além de perder um amigo, não sabe como continuará com o jornal. Mas ainda sabe que é cedo para pensar nisso.

#### **Quarta-feira. Tarde.**

Todos compareceram ao velório de Crispim. Várias pessoas da comunidade vieram de carreta. Fretaram até ônibus para prestarem as últimas homenagens.

— Seria bom se ninguém morresse, principalmente os bons — diz Camilo ao lado da mãe.

— Mas esse é o ciclo da vida, filho. A gente nasce, cresce, casa, tem filhos, deixa a nossa marca nesse mundo e depois partimos.

Sandra está inconsolável. Passava mais tempo na casa dos avós do que em sua própria casa. Ela olha para o avô no caixão, que parece dormir.

A tarde está ensolarada. Renato chega ao velório e sente dificuldade em encontrar os amigos. Ele se aproxima de cada pessoa e olha bem em seu rosto, causando estranheza em quem não o conhece. Camilo vê o amigo e sua dificuldade; então vai até ele.

— Estou aqui, Renato. Que bom que você veio.

— Sim, eu não poderia deixar de comparecer. Conheci pouco o seu Crispim, mas deu para perceber que tinha um bom coração. Ele era uma boa pessoa.

Um funcionário do cemitério avisa que já é hora de levar o caixão. Renato, Camilo e alguns amigos e parentes da família ajudam na remoção.

Durante o cortejo, pessoas choram e lamentam a morte de Crispim.

Para Sandra, o pior momento finalmente chega: os coveiros colocam o caixão na cova e começam a jogar terra sobre ele.

E embora o dia esteja ensolarado, começa a garoar. Algumas pessoas já começam a ir embora.

Com os óculos embaçados e quase sem enxergar, Renato se despede dos amigos.

Camilo fica distante e observa Ana imóvel, apenas observando os coveiros terminarem o serviço, enquanto é abraçada por Sandra e Suzy.

# Recomeço

## Tarde de sábado. Um mês depois.

Os três amigos se encontram numa lanchonete do Centro Comercial de São Camilo da Maré. Camilo bancará o lanche usando parte do dinheiro do seu primeiro salário como funcionário do mercadinho do seu Manuel. Sandra sente-se melhor, mas sabe que a perda do avô será uma cicatriz difícil de curar. O encontro será para discutir sobre o futuro do jornal São Camilo da Maré, que parou de circular desde a morte de Crispim.

— Foram apenas três edições, mas que mudaram o cenário da nossa comunidade. Asfalto nas ruas, policiamento, melhorias no colégio, transporte público subindo o morro e vários outros benefícios em andamento, mas ainda temos outras necessidades. Temos que continuar — diz Camilo com propriedade.

— Sim, fiquei um pouco desanimada, mas temos que continuar também em memória ao meu avô. Ele adorava trabalhar na gráfica e ficou muito feliz quando começou a produzir o nosso jornal.

— Vocês sabem que podem contar comigo para o que der e vier. Estarei com vocês — Renato segura na mão dos amigos. — Alguém tem uma ideia de como continuaremos com as edições do jornal, já que era o avô da Sandra que produzia e somente ele sabia mexer naquelas máquinas da gráfica?

— Sim, pensei muito sobre isso e encontrei uma possível solução — Camilo retira um cartão de visitas do bolso e coloca sobre a mesa da lanchonete.

— Um cartão de visitas? E como isso vai fazer o nosso jornal voltar a circular?  
— pergunta Renato.

— Você chegou a ler o nome que está grafado nele? — Camilo ergue o cartão e coloca próximo aos olhos do amigo, depois mostra para Sandra.

— Tony Rocha? O repórter sensacionalista? Achei que você tinha jogado esse cartão fora — Sandra não entende como o repórter poderá ajudar.

— Pode até ser sensacionalista, mas minha mãe adora ele — diz Renato.

— A minha também, Renato. Ele tinha descoberto que eu estava envolvido no jornal. Acredito que foi pelas fotos. Ele conseguiu observar o meu estilo de fotografar; fora isso, flagrou eu tirando fotos algumas vezes e depois viu as

publicações das nossas edições. Bom, ele ofereceu ajuda e disse que, se eu precisasse, poderia ligar. Então eu acho que esse é o momento. A gente não quer que o jornal acabe e sabemos que ele tem experiência. Não custa tentar.

Os amigos concordam com Camilo. Ele liga logo em seguida para Tony, que prontamente marca uma reunião para o dia seguinte em sua casa. O motorista da produção irá buscá-los.

## **Domingo.**

— Filho, senta aí. Eu tenho algo para dizer — Camilo sabe que quando a mãe o manda sentar, é porque tem algo bem sério para dizer.

— Marquei de sair com a Sandra e o Renato em quinze minutos, mas pode falar, mãe. Sou todo ouvidos.

Tereza fica acanhada e faz um certo rodeio para começar a falar. Olha bem nos olhos do filho e diz de uma só vez:

— Estou namorando!

— O quê? Namorando? E quem é o seu namorado? — Camilo fica surpreso, pois não imaginava que ela diria isso.

— Com o seu patrão, o Manuel, do mercadinho... Faz tempo que ele me paquera, e você sabe: sou mulher, preciso de alguém do meu lado. Meu último namorado foi o seu pai, que abandonou a gente e foi embora com outra.

— Mãe... — Tereza olha para Camilo e aguarda a sua rejeição. — Por mim está aprovadíssimo. O seu Manuel é uma boa pessoa e vocês formam um belo casal.

— Você é o melhor filho que uma mãe poderia ter — Tereza chora e abraça o filho.

— E aproveitando a ocasião, eu também tenho algo a dizer... — Tereza fica séria e arregala os olhos. — E não, não é isso o que a senhora deve estar pensando. A Sandra não está grávida. É outra coisa...

— Ah, então o que é? Diga logo, estou curiosa para saber.

— A senhora lembra do jornal São Camilo da Maré?

— É claro, foi por causa dele que a nossa comunidade melhorou. A criminalidade diminuiu e agora temos até ônibus...

— Então, esse jornal é meu. Na realidade é meu, da Sandra e do Renato. O seu Crispim ajudava a produzi-lo lá na gráfica, mas ele morreu; e, por enquanto, paramos com ele, pelo menos até encontrarmos uma solução para continuarmos a produzi-lo. E é justamente isso o que faremos hoje.

— Vo... você? Mas eu nunca soube de nada. Isso não é perigoso?

— Eu sabia que a sua reação seria essa e que você ficaria preocupada, mas nós tínhamos que fazer algo por nossa comunidade. Poderia até ser perigoso, mas acho que depois dessas melhorias, não correremos mais perigo, caso alguém descubra que somos nós que produzimos ele.

— Mas eu confio em você, filho. Se fez isso, foi por uma boa causa. E quem diria, tornou-se um herói. O salvador da nossa comunidade.

— Obrigado, mãe. Mas agradeça também à Sandra e ao Renato. Depois contarei mais, agora tenho que ir numa reunião resolver isso.

Camilo olha para o relógio e faltam apenas três minutos para estar em frente ao colégio Emília Brandão, local marcado de encontrar os amigos e o motorista da produção do repórter Tony. Ele sai apressado e corre, desviando-se dos pedestres e pulando obstáculos; e somente no meio do caminho percebe que se esqueceu de calçar o par de tênis. Está de chinelo. Mas não tem mais tempo para voltar, continua correndo.

De longe vê o furgão da equipe de reportagem. Sandra e Renato já estão lá dentro conversando com o motorista. Eles também avistam Camilo.

— Oi, pessoal, desculpem pela demora — Camilo entra no furgão e partem para a casa de Tony Rocha.

Durante o caminho, Camilo, Sandra e Renato notam a construção de um grande prédio. Numa placa em frente informam que ali será um centro de recuperação para viciados.

— Mais um ponto para o nosso jornal, pessoal — comenta Camilo, enquanto percebe que o tráfego de veículos na comunidade aumentou. O comércio também está mais cheio.

Durante o trajeto, Camilo recebe uma ligação de Tony Rocha.

— Alô, Camilo. Tudo bem? Já estão a caminho?

— Sim, já faz alguns minutos que saímos. Logo estaremos aí.

Tanto Camilo, como Sandra e Renato, estão ansiosos. Tony é um repórter conhecido e faz anos que trabalha nessa profissão.

O motorista finalmente avisa que estão próximos e aponta para a residência de Tony, que fica no final de uma rua sem saída.

Uma casa grande e branca, mas não tão grande como Camilo imaginava que fosse. O furgão para em frente ao portão. O motorista buzina três vezes e, logo em seguida, Tony aparece de camiseta, bermuda e chinelos, diferentemente de como se apresenta na tevê. Ele mesmo vai recepcioná-los e depois os conduz para dentro de sua residência.

— Só um minuto que já volto; enquanto isso fiquem à vontade.

Sandra, Renato e Camilo olham para todos os lados e notam vários retratos nas paredes. Um deles desperta a atenção do trio. Um grupo de trabalhadores sujos de lama. No canto inferior da imagem o nome Sebastião Salgado.

— Essa eu adquiri numa exposição em Paris. Essas outras eu mesmo fiz, quando estive na Síria e Afeganistão — diz Tony Rocha, enquanto oferece suco e canapés aos convidados.

O trio olha várias fotos de soldados, tanques de guerra, crianças...

— Não sabia que você também era fotógrafo — diz Camilo, enquanto continua olhando as fotos.

— Sim, fui repórter e fotógrafo de guerra. Passei anos fazendo isso, até ser alvejado por terroristas no Afeganistão. Mas graças a Deus fui salvo por médicos da ONU — Tony levanta a camiseta e mostra as cicatrizes das perfurações. — Depois que me recuperei, com o peso da idade, voltei para o Brasil e logo fui contratado para trabalhar no programa *Alcance da Cidade*.

— Incrível. Conhecendo melhor a sua história e vendo essas fotos, posso dizer que agora enxergo você de outra maneira — diz Sandra.

— E de que maneira você me enxergava?

— Enxergava como um repórter sensacionalista e aproveitador — Sandra não poupa palavras. — Aproveitando, já que você parece ser bem diferente do que eu imaginava, gostaria de deixar um exemplar do livro do meu falecido avô Crispim, que cuidava da publicação do nosso jornal. Ele mesmo produziu os exemplares do seu livro, mas não chegou a fazer a distribuição.

— Pode até ser que hoje eu seja um pouco sensacionalista, mas tenho que manter o meu emprego e dar audiência para que o programa não saia do ar. Mas nunca fui aproveitador. Aqui dentro mora um espírito aventureiro, mas muito responsável e preocupado com a área social e bem-estar da população carente e de baixa renda. E tenho que dizer que fiquei maravilhado com o trabalho de vocês. Três jovens com ideias incríveis. Com as poucas edições do jornal, vocês conseguiram mudar São Camilo da Maré. E esse trabalho não

pode acabar. Agora, certamente irei ler o livro do seu avô. E se for o caso, cuidarei da publicação dele numa grande editora. O seu avô merece reconhecimento.

— E como você pretende ajudar no jornal? — pergunta Renato.

— Eu tenho uma equipe que pode fazer muito para ajudá-los. Podemos fazer um site para o jornal e ampliar a tiragem numa grande gráfica. Tenho vários contatos e posso conseguir excelentes patrocinadores que arcarão com todas as despesas. Vocês serão remunerados pelo trabalho que desenvolvem.

— E o que você ganha ajudando a gente? — indaga Camilo.

— Ganho paz e satisfação por saber que posso colaborar com um belo trabalho, além de ganhar a amizade de vocês. O jornal São Camilo da Maré deve continuar. Vocês estão comigo? Aceitam a proposta?

Os amigos fazem um breve silêncio. Camilo olha para Sandra. Ela sorri. Renato está disperso e olha para uma escultura que está num dos cantos da sala.

— Estamos dentro — respondem Camilo e Sandra. Todos olham para Renato.

— E você, Renato, aceita a proposta? — pergunta Tony.

— Ah, sim, certamente, eu também estou dentro.

— Então vamos selar essa parceria — Tony estende o braço e abre a mão. Camilo coloca a sua mão sobre a dele; Sandra e Renato fazem o mesmo.

A parceria está selada e agora terão mais força. O jornal São Camilo da Maré jamais morrerá.

FIM